



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ROSEANE KELLEN DOS SANTOS DUARTE**

**O INGLÊS COMO INSTRUMENTO DO IMPERIALISMO:  
LÍNGUA GLOBAL E O PROCESSO DE ALIENAÇÃO**

São Francisco do Conde  
2018

**ROSEANE KELLEN DOS SANTOS DUARTE**

**O INGLÊS COMO INSTRUMENTO DO IMPERIALISMO:  
LÍNGUA GLOBAL E O PROCESSO DE ALIENAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Alexandre António Timbane

São Francisco do Conde  
2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

D874i

Duarte, Roseane Kellen dos Santos.

O Inglês como instrumento do imperialismo : língua global e o processo de alienação / Roseane Kellen dos Santos Duarte. - 2018.

67 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

1. Língua inglesa - Aspectos políticos. 2. Língua universal - Aspectos sociológicos.  
I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 427.009

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos, CRB-5/1693

**ROSEANE KELLEN DOS SANTOS DUARTE**

**O INGLÊS COMO INSTRUMENTO DO IMPERIALISMO:  
LÍNGUA GLOBAL E O PROCESSO DE ALIENAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 01 de novembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof<sup>o</sup>. Dr. Alexandre António Timbane**

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian Paula Serra e Deus**

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG)

Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me deu força e coragem para chegar ao fim do curso. O caminho não foi fácil, muitos obstáculos apareceram, mas Deus sempre esteve ao meu lado, me guiando e dando sustento para que eu continuasse firme no curso, sem me abalar com os problemas que surgiam durante o percurso. A Ele minha eterna Gratidão.

Aos meus colegas de turma, Felipe Gomes, Liliane Brito, Marília Moreira, que juntos fomos dando força, incentivos para que continuássemos firmes no curso, um ajudando o outro e com toda dificuldade conseguimos vencer os obstáculos. Aos demais colegas de turma, de Guiné Bissau e de Cabo Verde, a troca de informações, culturas, histórias, conhecimento, foi uma experiência incrível. Aos pesquisados que se disponibilizaram em ajudar na pesquisa, das escolas: Centro Educacional Teodoro Sampaio, Instituto Municipal Luiz Viana Neto e Colégio Professor Dásio José de Souza que abriram as portas para a minha primeira experiência dentro da sala de aula, oportunizando por em prática a arte de ensinar. Aos professores por transmitirem seus conhecimentos, pelo apoio e orientação nesse momento de formação profissional. Ao meu querido, Prof<sup>o</sup>. Dr. Alexandre António Timbane, pelo suporte, orientação e dedicação ao meu trabalho, mesmo tendo aceitado minha pesquisa em cima da hora e com pouco tempo para conclusão, sempre me deu total apoio.

Agradeço também ao meu esposo Alexandre do Nascimento Bravo, pelo apoio, incentivo e compreensão durante esses anos de estudos. Esteve junto nos momentos difíceis, cuidou do nosso filho César Duarte Bravo quando precisei me ausentar. Ao meu filho amado, que mesmo sem entender isto, foi um dos incentivos para que eu pudesse seguir firme em busca de novos conhecimentos. À minha mãe Rosana Santos e familiares, que mesmo distantes não deixaram de dar sua palavra de carinho, conforto e incentivo. À minha comadre Ana Cláudia Santana, que sempre acreditou em mim, me encorajou quando quis desistir da Unilab, sempre esteve ao meu lado quando precisei. Suas palavras sempre me motivaram e incentivaram no decorrer dos anos.

A todos, dedico esta conquista. Muito obrigada!

*“A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém”. (Paulo Freire)*

## RESUMO

À semelhança do latim na Idade Média, a língua inglesa “assume o papel de língua global ou língua franca, a língua da ciência, da tecnologia, da diplomacia, do turismo, que cumpre saber usar para maior sucesso na via profissional” (CRYSTAL, 2005, p.8). O espaço privilegiado do inglês resulta de políticas linguísticas adotadas e conquistadas pela Inglaterra no período da exploração colonial no mundo. As grandes potências econômicas mundiais, isto é, os Estados Unidos da América e a Inglaterra têm atraído o mundo com discursos e decisões que influenciam o resto do mundo. Essa atuação impulsiona a necessidade de aprender o inglês. A motivação para a pesquisa parte da constatação deste fenômeno que caminha para uma dominação imperialista e tendência à alienação que não é apenas linguística, mas também econômica, cultural e política. Desta forma, procura-se compreender as razões que impulsionaram o crescimento da língua, assim como o processo de alienação linguística que se verifica no mundo moderno em especial no Brasil. A pesquisa objetiva analisar o inglês como instrumento imperialista caracterizando as políticas linguísticas da sua implementação no mundo e em especial no Brasil. A pesquisa é relevante porque desperta a necessidade de observar a alienação linguística e a necessidade da valorização das línguas locais, cujo grande número está em perigo de extinção. A pesquisa discute a entrada do inglês e o seu impacto na sociedade moderna, explicando e argumentando o imperialismo inglês no Brasil e sua influência na vida dos brasileiros. Buscou-se debates teóricos que lidam com a temática através das discussões de Moita Lopes (2008), Crystal (2003, 2004, 2005), Timbane (2013), Calvet (2007), Severo (2015) entre outros. Os empréstimos e os estrangeirismos são marcas da presença inglesa no nosso português inclusive em produtos alimentícios industrializados (TIMBANE & COELHO, 2018). Para a pesquisa, utilizou-se o método qualitativo em que se aplicou um questionário como instrumento de coleta de dados. O questionário foi composto por 11 perguntas abertas que foram respondidas por quatro informantes que já tenham frequentado curso de inglês nos EUA. Da pesquisa se conclui que o inglês é uma língua global implementada em diversos países por imposição imperialista dos EUA e da Inglaterra como principais potências mundiais. No Brasil, o ensino médio não oferece conhecimentos suficientes para que o aluno possa conversar de forma plena no estrangeiro ou com estrangeiros, havendo necessidade de formação particular para quem pretende aprofundar e falar com competência a língua. No mercado de trabalho os profissionais procuram estudar em países onde o inglês é língua oficial para que possam praticar cada vez mais. Por outro lado, a pesquisa conclui que estamos sendo alienados, o que quer dizer que num futuro próximo a frequência do uso das línguas locais será reduzida em prol da inglesa que é a língua de oportunidades de crescimento profissional.

**Palavras-chave:** Língua inglesa - Aspectos políticos. Língua universal - Aspectos sociológicos.

## ABSTRACT

Like Latin in the Middle Ages, the English language "assumes the role of a global language or lingua franca, the language of science, technology, diplomacy, tourism, which must be used for greater professional success" (CRYSTAL, 2005, p.8). The privileged space of English results from linguistic policies adopted and conquered by England in the period of colonial exploitation in the world. The great world economic powers, that is the United States of America and England, have drawn the world with discourses and decisions that influence the rest of the world. This action drives the need to learn English. The motivation for the research starts from the realization of this phenomenon, which is headed towards an imperialist domination and a tendency towards alienation that is not only linguistic, but also economic, cultural and political. In this way, we try to understand the reasons that motivated the growth of the language, as well as the process of linguistic alienation that occurs in the modern world, especially in Brazil. The research aims to analyze English as an imperialist instrument characterizing the linguistic policies of its implementation in the world and especially in Brazil. The research is relevant because it raises the need to observe the linguistic alienation and the necessity of the valorization of the local languages, whose great number is in danger of extinction. The research discusses the entry of English and its impact on modern society, explaining and arguing English imperialism in Brazil and its influence on the life of Brazilians. It was sought theoretical discussions that deal with the subject through the discussions of Moita Lopes (2008), Crystal (2003, 2004, 2005), Timbane (2013), Calvet (2007), Severo (2015) and others. Loans and foreign loans are trademarks of English presence in our Portuguese, including industrialized food products (TIMBANE & COELHO, 2018). For the research the qualitative method was used, which applied a questionnaire as a data collection instrument. The questionnaire was composed of 11 open-ended questions that were answered by four informants who have already attended an English course in the USA. The research concludes that English is a global language implemented in several countries by imperialist imposition of the United States and England as major world powers. In Brazil, high school does not offer sufficient knowledge so that the student can talk fully in foreign countries or with foreigners, and there is a need for special training for those who want to deepen and speak the language competently. In the labor market professionals seek to study in countries where English is an official language so that they can practice more and more. On the other hand, the research concludes that we are being alienated, which means that in the near future the frequency of use of local languages will reduce in favor of English which is the language of opportunities for professional growth.

**Keywords:** English language - Political aspects. Universal Language - Sociological aspects.



## LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

**ABNT:** Associação Brasileira de Normas Técnicas

**AIDS:** Acquirid Immune Deficiency Syndrome

**CD:** Compact disk

**COMMONWEALTH:** Associação intergovernamental de 54 países que buscam apoiar uns aos outros.

**CPF:** Cadastro de Pessoa Física

**CPLP:** Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

**DD:** Disco Duro

**DJ:** Disc Jockey

**DVD:** Digital Versalite Disc

**EUA:** Estados Unidos da América

**GPS:** Global Position System

**HD:** Hard Disk

**HIV:** Hamain Immunodeficiency Syndrome

**IATEFL:** International Association of Teachers of English as a Foreign Language)

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**INTERPOL:** Polícia internacional

**IPONE:** Interface Protocol Option Device

**L2:** Língua Segunda

**LASER:** Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation

**LDB:** Leis de Diretrizes e Base da Educação

**LE:** Língua Estrangeira

**LF:** Língua Franca

**LI:** Língua Inglesa

**LIBRAS:** Língua Brasileira de Sinais

**LM:** Língua Materna

**LP:** Língua Portuguesa

**MEC:** Ministério da Educação

**PALOP:** Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

**PCN:** Parâmetros Curriculares Nacionais

**PF:** Polícia Federal

**RADAR:** Radio Detecting and Ranging

**RAP:** Rhythm and Poetry

**RG:** Registro Geral

**SPG:** Sistema de Posição Global

**TESOL:** Teachers of English to Speakers of Other Languages

**TV:** televisão

**UNESCO:** Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

**UNILAB:** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia afro-brasileira

**VIH:** Vírus de Imunodeficiência Humana

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** – Usuários de informação e produção de informação na maioria das línguas faladas, 22

**Quadro 2** – Concepções da legislação brasileira acerca da educação linguística - Ensino Médio, 37

**Quadro 3** - Decrescimento das línguas bantu moçambicanas, 49

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1:** As dez línguas mais faladas/usadas no mundo e o número de falantes, 21

**Gráfico 2:** Relação língua *versus* publicação de livros, 23

## SUMÁRIO

Introdução .....	12
<b>CAPÍTULO I – A LÍNGUA INGLESA NO MUNDO E AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS.....</b>	<b>15</b>
1.1.O conceito de Língua e Políticas Linguísticas .....	15
1.2 Origens da língua inglesa e dados gerais da anglofonia .....	19
1.3. O espaço do inglês na sociedade globalizada .....	24
<b>CAPÍTULO II – A LÍNGUA INGLESA NO BRASIL .....</b>	<b>32</b>
2.1.A língua inglesa na sociedade brasileira: os estrangeirismos e os empréstimos .....	32
2.2 Leis de base sobre a língua inglesa: ensino médio .....	36
<b>CAPÍTULO III: A LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA DA ELITE, DE PRESTÍGIO.....</b>	<b>43</b>
3.1 A língua inglesa como instrumento do Imperialismo.....	43
3.2. Perspectivas do inglês nas próximas décadas.....	48
<b>CAPÍTULO IV – METODOLOGIA E ANÁLISES.....</b>	<b>51</b>
4.1 Caminhos metodológicos.....	51
4.2 Análise e discussão dos dados.....	53
<b>CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
Referências Bibliográficas .....	59
Apêndices.....	65

## Introdução

Sabe-se que o inglês é uma das línguas mais exigidas na sociedade brasileira e que pessoas estão buscando aprender o idioma para não perder oportunidades que provavelmente proporcionariam melhores condições de vida, especialmente uma vida estável social e economicamente. As vagas de emprego, a aprovação em concursos públicos, a comunicação em momentos de viagem e o atendimento de turistas são algumas das preocupações que levam os cidadãos a procurar cursos de língua inglesa (LI), não apenas no Brasil, mas também no mundo inteiro. A experiência real do Brasil mostra que o ensino atual, especialmente o fundamental e o médio não fornecem uma bagagem de conhecimentos suficientes para que se possa comunicar no estrangeiro ou com anglófonos.

A comunidade linguística é toda a sociedade humana que, radicada historicamente num determinado espaço territorial reconhecido ou não, se identifica como povo e desenvolveu uma língua comum como meio de comunicação natural e de coesão cultural entre os seus membros (UNESCO, 1996, art. 1º).

Nesta pesquisa, consideramos por “comunidade linguística” grupo de pessoas que usam a LI para funções comunicativas podendo ser como língua materna (LM), língua segunda (L2) ou língua estrangeira (LE). É importante salientar que a anglofonia é um grande espaço predominado pelas grandes potências econômicas mundiais, das quais se pode citar os Estados Unidos da América (EUA), a Inglaterra e a Austrália. A imposição da língua inglesa (LI) no contexto brasileiro, pode ser equiparada com aquela que ocorreu no período colonial, onde os portugueses chegaram e dominaram linguística e culturalmente, tendo dizimado muitas línguas indígenas brasileira.

Há uma valorização muito grande da LI, pois quem a domina consegue ascender um *status* diferenciado na sociedade. Para além disso, a qualidade de um bom profissional nas grandes empresas e bem remuneradas do Brasil passa necessariamente pelo domínio do inglês como uma língua que conecta os brasileiros com o mundo anglófono. As pessoas buscam aprender a LI por obrigação, por necessidade de sobrevivência profissional ou mesmo para uma realização socioeconômica.

A pesquisa busca entender essa valorização dada à LI no Brasil, em detrimento da língua portuguesa (LP) que é a língua oficial, segundo a Constituição Federativa do Brasil (1988). A LP tem variedades e variantes linguísticas faladas por cerca de 208 milhões de habitantes, segundo Brasil (2018).

A sociedade brasileira e o mundo em geral têm priorizado o ensino do inglês em diversos sistemas de ensino. Então, questionam-se as razões pelas quais o inglês está cada vez mais valorizado e a cada dia ganha mais espaço no mundo e em especial no Brasil.

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a LI como instrumento do imperialismo caracterizando a política da sua implementação e o impacto na vida dos brasileiros. Como objetivos específicos, a pesquisa visa discutir a entrada do idioma inglês na sociedade brasileira; explicar a valorização dada à língua inglesa no contexto social; analisar os programas do ensino do inglês no ensino médio e; argumentar com base em dados sobre a alienação linguística que o inglês produz na política e no planejamento linguístico brasileiro.

A seguir vamos apresentar as hipóteses que permeiam a presente pesquisa. É importante deixar claro que as hipóteses constituem uma tentativa de resposta ao problema acima apresentado e que a sua confirmação ou refutação irá se verificar nos resultados apresentados no final do trabalho. Sendo assim, partimos do pressuposto de que 1) a valorização da LI se dá pelo idioma ser universal e as pessoas têm de aprender para acompanhar as evoluções do mundo do séc. XXI; 2) O inglês é aprendido por imposição das grandes potências econômicas, o que obriga as pessoas aprenderem para que possam se comunicar no espaço dos negócios (oportunidades profissionais); 3) A imposição do inglês resulta da política e do planejamento linguísticos aplicados pelo Governo brasileiro que visam integrar o país no contexto da globalização especialmente pela necessidade de ligar o Brasil às principais potências do mundo pertencentes à anglofonia.

Para a realização da pesquisa, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a pesquisa documental, embora tivéssemos nos apoiado na técnica de questionário para a recolha dos dados. O trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresenta o panorama geral sobre língua e as políticas linguísticas. Debate-se os conceitos fundamentais apresentando dados dos falantes

e o espaço do inglês na anglofonia imperialista. No segundo capítulo aborda-se sobre a língua inglesa no Brasil apresentando as Leis de Diretrizes e Base (LDB) do ensino médio, assim como discussões acerca dos empréstimos e estrangeirismos que estão fazendo parte do dia a dia dos brasileiros. Nessa parte, apresentou-se diversos exemplos de palavras que entraram no português, assim como as siglas e acrônimos.

O terceiro capítulo discute a LI como língua da elite, de prestígio, abordando a LI como língua imperialista reforçando a ideia de que há influência das grandes potências mundiais no ensino da LI no Brasil, uma relação que atrela poder e dominação. E também apresenta as perspectivas do inglês nas próximas décadas, demonstrando que com a expansão do inglês as demais línguas ficam em perigo, inclusive podendo ser extintas, como é o caso das línguas indígenas brasileiras.

O quarto capítulo trata da metodologia e das análises. Nessa parte, apresentou-se um conjunto de caminhos que foram percorridos para realização da pesquisa e os materiais utilizados. As análises apresentadas ligam aspectos da teoria e da prática fundamentando os debates ocorridos na revisão bibliográfica.

No quinto e último capítulo, a pesquisa encerra apresentando as considerações finais, demonstrando se os objetivos foram alcançados ou não, assim como se as hipóteses foram confirmadas ou refutadas. A pesquisa abre caminhos para que outros trabalhos possam se desenvolver afim de que o assunto possa ser compreendido e interpretado por diversos setores da vida social brasileira.

A pesquisa tenta mostrar que a nossa sociedade está sendo alienada e a nossa língua oficial, a LP está sendo ameaçada uma vez que o inglês cresce cada vez mais. A lição que fica é a de que ninguém virá de fora valorizar a sua língua. Seria importante que a nossa sociedade criasse um meio de proteger não apenas a língua oficial, mas também as diversas línguas indígenas brasileiras que estão em perigo de extinção.



## CAPÍTULO I – A LÍNGUA INGLESA NO MUNDO E AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

### 1.1.O conceito de Língua e Políticas Linguísticas

Em todas as sociedades humanas, a língua tem sido o instrumento mais importante de comunicação. Essa comunicação se processa em duas modalidades: modalidade oral e modalidade escrita. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua autônoma com estrutura própria e independente. Os gestos não constituem a língua de sinais e pertencem ao que chamamos por linguagem não-verbal que sempre acompanha a modalidade oral de comunicação.

Segundo Saussure (2006), em seu livro “Curso de linguística geral” a língua é definida como “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p.17). Saussure mostra que a língua é uma construção social em que a cultura desempenha e adquire *status* social diverso. Sendo assim, as línguas podem ser classificadas em: língua oficial, língua franca, língua segunda, língua estrangeira, língua nacional entre outras classificações dependendo da política linguística estabelecida.

As línguas têm um papel importante na identificação de um povo. Em muitos momentos, a língua de um povo corresponde à etnia ou ao grupo falante da mesma. Em alguns casos, a língua pode ser subdividida em dialeto, variante e variedade. É na sociedade onde a língua se perpetua, continuando a expansão de gerações em gerações através da oralidade. A língua, sendo fenômeno social, deve ser estudada dentro do seu contexto sociocultural, observando as variáveis sociais e linguísticas que impulsionam as variações.

Não falamos da mesma forma em diversas situações. Cada situação de comunicação exige a aplicação do contrato social estabelecido não apenas pela sociedade, mas também pela cultura e pelas políticas linguísticas. Para Fernandes (2010, s.p.)

A língua é um sistema de signos compartilhados, um sistema de combinações possíveis presentes na mente humana. É, portanto, um conceito abstrato. Já a fala é a concretização desse sistema; é

quando escolhemos dentre as possibilidades de combinação de sons (fones), sílabas, e assim, falamos. É, portanto, um conceito concreto.

Existem dois elementos fundamentais que Saussure nos faz observar. O primeiro é a língua (que é uma entidade abstrata) e o segundo que é a fala (elemento concreto, ou melhor, a materialização da língua). Saussure (2006) mostra que todo o funcionamento linguístico se encontra na língua, quer dizer, é onde ficam armazenadas as regras da comunicação incluindo o léxico. Na fala, o ser humano se aproveitou dos sistemas respiratório e digestivo para produzir sons da fala. No caso da língua de sinais se inclui o sinal. O sinal corresponde a materialização da língua.

Segundo Timbane (2014, p. 53), “as línguas nunca param no tempo enquanto instrumento de comunicação simplesmente as línguas mudam, de forma contínua, paulatina e progressiva”. Com isso pretende-se afirmar que a língua jamais ficará estática e é necessário que a cada dia adequemos aos contextos. Na língua as palavras aparecem (neologismos) e desaparecem (arcaísmos), funções sintáticas e morfológicas aparecem e outras se mantêm.

A norma-padrão, por exemplo, tenta “congelar” a língua no tempo mantendo uma gramática fixa. Já a “norma não padrão” é atualizada e procura adaptar-se aos momentos atuais sendo a mais dinâmica. O que usualmente chamamos de “norma não padrão” é ao mesmo tempo “padrão” porque não existe uma norma sem padrão. Por exemplo: “os menino canta”. Nesta frase, observa-se que o falante respeita uma norma que autoriza a marcação do número no determinante e fazendo com que essa marca faça réplica nos restantes elementos da frase. Concluindo, seria estranho se o falante dissesse “o meninos canta” ou “o menino cantam”.

O ensino de línguas estrangeiras, em muitos momentos baseia-se na gramática normativa, conservadora que procura conservar a língua no tempo e no espaço. Por isso que ainda há o preconceito segundo o qual o melhor português é aquele que é falado em Portugal (assim como o melhor inglês é o da Inglaterra), mas essa afirmação não corresponde à verdade e nem se baseia em evidências científicas. Não existe falas melhores do que as outras, o que se observa é a variação linguística que é comum em todas as línguas do mundo. A “norma-padrão” sendo uma Lei (apoiada pela Política linguística) precisa ser cumprida pelos falantes

que pretendem obter ascensão social e econômica. Outra questão importante a sublinhar é o fato de que a “norma-padrão” exclui a sociedade, classificando em analfabetos e alfabetizados.

A língua resulta da interação social, ou seja, leva em consideração o seu uso pela comunidade e as relações entre o emissor e receptor, o contexto, as especificidades culturais, pois esses elementos fazem parte dos elementos internos (externos) ao sistema. No ensino de uma língua é necessário que o professor tenha esses elementos na sua metodologia de ensino para que possa fornecer informações que ajudem o aluno na aprendizagem.

Pretende-se mostrar que existe uma só LI da qual se tem variantes e variedades linguísticas que devem ser respeitadas sem julgá-las. Para Carvalho (2009), toda língua em uso é dinâmica e que suas manifestações podem provocar mudanças sociais, integrando novas formas, novas necessidades expressivas que ao longo do tempo se renovam. Dado seu caráter dinâmico, a língua não é um produto acabado e pronto, ela vai variar e se refazer continuamente. O inglês alcançou *status* jamais visto em nenhuma outra língua nas últimas décadas, como veremos mais adiante.

Segundo Crystal (2005), a variação é apenas um ciclo natural que toda língua está sujeita em sua existência, pois nenhuma língua vive de forma isolada, todas mantêm algum tipo de contato umas com as outras. Isso faz com que se influenciem mutuamente. As de maior alcance, tidas como principais línguas internacionais (mandarim, português, espanhol e francês), exercem mais influência sobre suas línguas de menor expressividade. E o inglês, como língua global, por natureza, exerce mais influências sobre todas as outras.

Num mundo globalizado e de crescente inovação tecnológica, é natural que haja intenso contato entre as diferentes culturas, acentuando também diversos processos de influência mútua, contribuições na forma de empréstimos culturais ou linguísticos. Toda língua, em determinado momento, recebe contribuições que são os empréstimos de outras línguas isso é notável na LP.

Na perspectiva de Alves (1996), a LI mais do que qualquer outra, tem emprestado itens lexicais à LP, principalmente nos campos técnico e científico. As modernas tecnologias e as redes sociais vêm aproximando as pessoas de uma forma

virtual, mas possibilitando que haja empréstimos lexicais entre as línguas que usam mais essas tecnologias. Todas as línguas deveriam ter o mesmo valor no mundo, tal como a UNESCO (1996) determina na declaração em seu artigo 3º:

1. Todos têm direito a aceder ao conhecimento da língua própria da comunidade onde residem. 2. Todos têm direito a serem políglotas e a saberem e usarem a língua mais apropriada ao seu desenvolvimento pessoal ou à sua mobilidade social, sem prejuízo das garantias previstas nesta declaração para o uso público da língua própria do território.

Ressalta-se que toda mudança que ocorre na língua forma um paralelo com as mudanças humanas, com as mudanças no comportamento social das pessoas, ou melhor, correspondem às necessidades de grupos específicos ou não de falantes durante a manifestação criativa, cuja população possui um mesmo sentimento de inovação, criação ou adoção.

É importante que esses elementos da língua sejam adotados no ensino para que os alunos tenham essa visão sobre a língua e não se limitem apenas num conceito mais fechado. E além de aprender a estrutura gramatical da língua, o aluno também aprenderá como usá-la em diferentes contextos, o que não ocorreria se a escola só ensinasse as regras. Sobre esta questão, pretende-se mostrar que língua não é apenas a gramática. O aluno pode dominar a gramática, mas é importante dominar as regras de uso em contexto social (a pragmática).

Em todo o mundo, cabe ao Governo estabelecer políticas sobre as línguas desde a promoção, ensino, preservação e a determinação das funções em cada espaço. Para um melhor debate propõe-se definir os conceitos de política linguística e o planejamento. É necessário distinguir a política linguística do planejamento. Severo define por política linguística, o eixo que tradicionalmente se volta para

uma prática de caráter estatal-legislativo, debruçando-se por exemplo, sobre a oficialização de línguas, a escolha do alfabeto para a representação gráfica de uma língua, a hierarquização formal das línguas (língua de trabalho, oficiais, nacionais, por exemplo), entre outros (SEVERO, 2013, p. 451).

Segundo Severo, o planejamento é a implementação das decisões dadas pela política linguística. Na mesma perspectiva Calvet, (2007) defende que o planejamento é o uso de uma língua no ensino, o uso da língua como em instituições públicas e no cotidiano de uma dada população. Sendo assim, quando se elabora um documento para uma instituição em português corresponde a implementação da política linguística.

Segundo Timbane (2018), “a política linguística e o planejamento são ordens (leis) que precisam ser cumpridas pelos cidadãos”. Quem não cumpre a lei é sancionado e sofre punições diversas: reprovação em concursos, repetição do ano no caso dos alunos, ou exclusão social, política, econômica e cultural. Para o autor, “a sociedade atual é muito exigente e sempre privilegia as línguas estrangeiras como alavanca para o sucesso, o que em muitos casos não corresponde à verdade” (TIMBANE, 2018, p.121).

A decisão do ensino do inglês nas escolas brasileiras foi decidida pela política linguística, mas o seu ensino nas escolas fundamentais, médio e superior constitui o planejamento linguístico. Olhando sob o ponto de vista da política linguística da LI, pode-se afirmar que ela vem ganhando um espaço importante no mundo moderno: primeiro porque é falada por mais de um bilhão e meio de pessoas em redor do mundo; segundo porque é a língua usada em mais de 70% das publicações científicas; e terceiro é a língua das organizações internacionais (LEFFA, 2001 apud PAPIN, 2011).

A política linguística é importante para todas as nações, mas ela não pode servir de instrumento de exclusão e opressão. A Constituição Federativa do Brasil (1988) não dá nenhuma providência sobre as Libras e as mais de 180 línguas indígenas brasileiras cuja maioria está em vias de extinção. Essa atitude é ao nosso ver perigosa e com pretensão de silenciar as línguas locais. A seguir veremos a origem da LI e ofereceremos dados que suscitam o debate.

## **1.2 Origens da língua inglesa e dados gerais da anglofonia**

Diferentemente do português, que é de origem latina, o inglês é de origem anglo-saxônica, resultado das invasões germânicas. O inglês, tendo se formado na Europa, imigrou para todos os continentes, resultado da dominação colonial na

maior parte dos casos. Apesar de ter surgido na Europa, o inglês carrega variações linguísticas em todos os países do mundo, tendo se tornado uma língua franca. Entende-se por “Língua franca” (LF) aquela em que um grupo multilíngue intencionalmente adota ou desenvolve para que todos consigam sistematicamente comunicar-se uns com os outros impulsionados por questões culturais, políticas ou econômicas (OSMAN, 2017).

Gimenez et al. (2015) deixam clara a ideia de que a língua franca não é uma variedade, nem pidgin. Trata-se do uso da língua já consolidada usada por pessoas falantes de diversas línguas. É importante apontar que o inglês se torna uma língua da aldeia global em que todos poderemos usar uma mesma língua para determinadas situações de comunicação. As novas tecnologias já caminham nessa perspectiva.

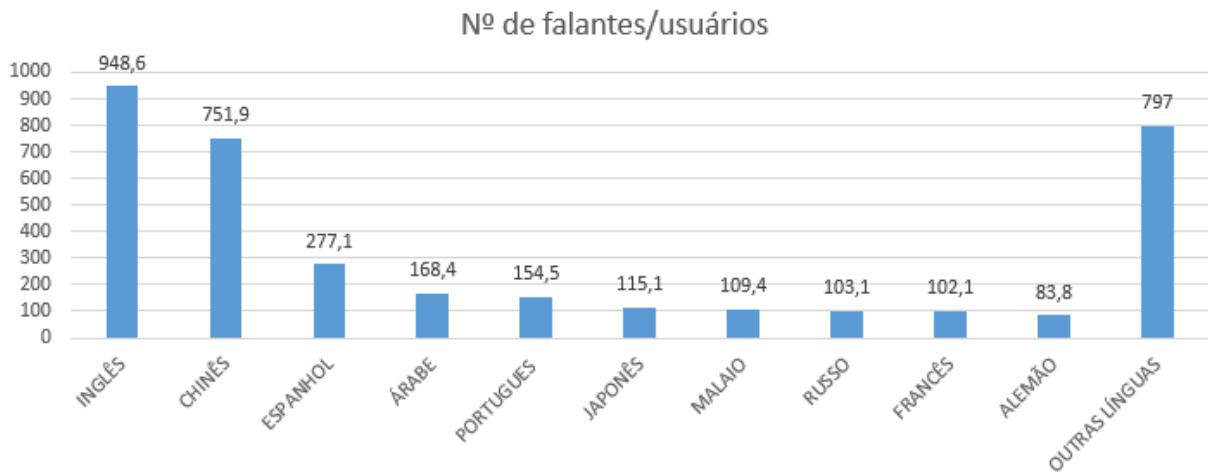
Gimenez et al. (2015) afirmam que a relação entre o ensino e aprendizagem da LI no mundo e os estudos relativos ao inglês como língua franca têm aos poucos se consolidado “como importante área de pesquisa em linguística aplicada, o que pode ser verificado, entre outras iniciativas, a partir da criação de redes internacionais.” (GIMENEZ et al, 2015, p. 596).

É inevitável ensinar uma língua tendo em conta a cultura dos falantes dessa língua ou variedade. Ao ensinar a LI, por exemplo, seria importante observar quais as características culturais dos falantes nativos daquela língua para evitar significados que se distanciam das normas de ser e de estar na sociedade. Por isso mesmo, o ensino do inglês não deve se limitar aos aspectos linguístico-gramaticais, mas envolve maior compreensão de fatores culturais, históricos e econômicos que não podem ser desvinculados da língua.

Falando do “Inglês como uma língua global”, Crystal (2003) aponta as principais vantagens de aprender inglês no mundo e os espaços que esta língua ocupa. A primeira constatação de Crystal está relacionada com a expansão rápida provocada pela colonização para depois dar enfoque na importância econômica dos países pertencentes à anglofonia. O desenvolvimento econômico e o poder político dos Estados Unidos, Inglaterra e Austrália elevam fortemente o poder das línguas. O autor aponta a importância do desenvolvimento tecnológico que impulsiona a expansão do inglês (CRYSTAL, 2003, 2004). O gráfico 1 mostra dados atualizados

sobre o número de falantes de línguas mais usadas no mundo. Cada dado foi calculado em milhões.

**Gráfico 1:** As dez línguas mais faladas/usadas no mundo e o número de falantes.



**Fonte:** Internet World Stats Apud Osman (2017, p.13)

Como se pode observar no gráfico 1, o número de usuários de inglês está estimado em 948,6 milhões de pessoas distribuídas de forma desigual em redor do mundo. A posição de segunda e a terceira línguas mais faladas é ocupada pelo chinês (mandarim) e espanhol respectivamente. Os dados de chinês se justificam pelo fato de a China ser o país mais populoso do mundo com cerca de 1.376.048.943 (IBGE, 2015). Das línguas aqui apresentadas nenhuma delas é de origem africana nem americana. Todas as línguas africanas e americanas têm menor expressividade. As demais línguas do mundo foram incluídas no item “Outras línguas” somando 797 milhões.

A maioria das línguas africanas e indígenas não possuem a tradição escrita, por isso não são citadas no quadro 1. O quadro ilustra a população alfabetizada nas diversas línguas influentes no mundo e a percentagem da informação produzida por meio da mídia e das novas tecnologias de informação.

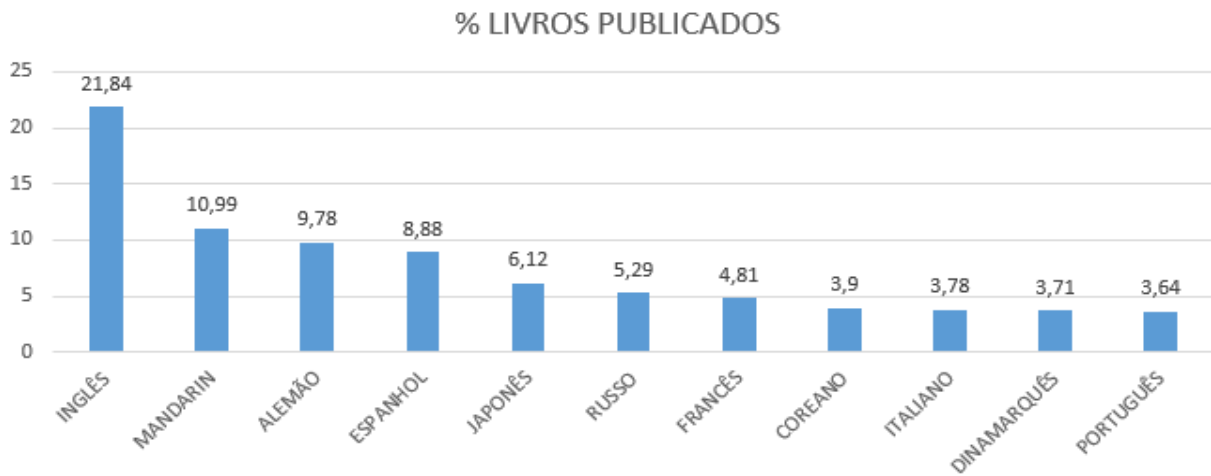
**Quadro 1:** Usuários de informação e produção de informação na maioria das línguas faladas

LÍNGUAS	% POPULAÇÃO ALFABETIZADA	% INFORMAÇÃO PRODUZIDA
INGLÊS	10,58	44,25
ALEMÃO	1,74	7,6
ESPAÑHOL	5,47	5,91
MANDARIN	14,68	4,85
FRANCÊS	4,07	4,21
JAPONÊS	2,33	3,34
ITALIANO	1,09	2,16
RUSSO	3,59	1,96
PORTUGUÊS	3,54	1,68
DINAMARQUÊS	0,43	1,67
COREANA	1,36	1,2
HINDI	4,26	0,96
ÁRABE	4,24	0,43
BENGALI	1,99	0,12

Fonte: Osman (2017, p.22)

O quadro 1 ilustra a liderança do inglês como a segunda maior população alfabetizada naquela língua. Em primeiro lugar é o mandarim, com 14,68%. Mas os falantes não produzem pouca informação, por isso possuem apenas 4,85% de informações nessa língua. Enquanto isso, a língua inglesa possui uma gama de informações produzidas e por isso atingiu 44,25%, o que é ao nosso ver bastante considerável. A LP, a língua da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), apresenta 1,68% de informações, o que significa estar muitíssimo longe comparativamente com a LI. A seguir, vejamos os dados de publicação de livros por línguas disponíveis no mundo.



**Gráfico 2:** Relação Língua *versus* publicação de livros

**Fonte:** Osman (2017, p. 21)

É obvio que nesse gráfico seria estranho se aparecesse uma língua africana ou indígena brasileira, porque muitas dessas línguas só tiveram a padronização ortográfica na década 1990. Uma vez que os falantes foram povos colonizados usam a língua do colonizador ao invés das suas próprias línguas infelizmente, resultado de políticas linguísticas falhas.

Mais uma vez, a língua inglesa aparece com a sua hegemonia publicando muito mais do que qualquer outra língua. O mandarim, uma das variedades mais populares do chinês está colocado em segundo lugar com 10,99%. Os anglófonos produzem o dobro das obras publicadas em mandarim. Isso ilustra a influência que esta língua tem no resto de falantes das outras línguas. A política linguística da anglofonia procura a todo momento expandir o seu idioma além fronteiras.

Uma vez que as economias anglófonas são robustas, a influência se torna cada vez maior de tal forma a que os produtos e serviços terão a guia de instruções escrita em LI. Muitos países se juntam à anglofonia para que possam ter proteção de todo tipo: econômica, política e cultural. Esses exemplos todos reforçam a ideia hegemônica do inglês sobre as restantes línguas do mundo e os seus respectivos povos. No próximo item veremos como o inglês atua numa sociedade globalizada.

### 1.3. O espaço do inglês na sociedade globalizada

O inglês é uma língua considerada potência mundial e uma poderosa ferramenta para quem almeja destaque no mundo globalizado. Foi devido à globalização que a língua tornou-se fundamental e essencial na vida do homem. O inglês é necessário para alcançar melhores oportunidades de vagas no mercado de trabalho, para ter uma renda melhor, para ter destaque no campo profissional e para estar à frente dos concorrentes no mercado comercial e no emprego.

Além disso, conhecer a LI é importante para realização pessoal, com interesses em viagens, aprender letras de música, assistir filmes, conversar com pessoas de outros países, pois o inglês é a língua da comunicação mundial.

Nesse sentido, Oliveira (2014) entende que esses interesses pelo idioma estão relacionados a dois propósitos funcionais: **o genérico**, quando pessoas buscam aprender o inglês para realizar atividades variadas, e o propósito **específico**, quando as pessoas vão a busca de aprender o idioma pensando na ascensão profissional, como por exemplo, comércio em locais de visitação turística ou para atendimento de clientes estrangeiros. Oliveira (2014) chama atenção aos professores de LE para que se atentem às 'necessidades' de aprendizagem dos alunos porque cada aluno tem o seu estilo de aprendizagem e motivações para a aprendizagem.

Por outro lado, a língua é vista como uma exigência de mercado do trabalho. Timbane (2018) cita a importância de um policial conhecedor de uma ou várias línguas estrangeiras na sua atuação profissional. Esse conhecimento é importante na abordagem de estrangeiros nas fronteiras, nos aeroportos, nos portos e em outros lugares turísticos. O domínio da LI permite que a Interpol consiga realizar investigações em diversos países. O ensino do inglês no Brasil tem sido apontado como um fator que contribui para o desequilíbrio social. De fato, quem domina essa língua tem um diferencial diante dos que não dominam. Quem domina tem mais oportunidade, privilégios no mercado de trabalho, *status* e prestígio social.

Kachru (1990, apud MONTAUT, 2011) salienta que dominar o inglês possibilita ao seu privilegiado proprietário transpor os portões linguísticos para os negócios internacionais, tecnologia, ciência e viagens globais. A globalização não ocorre apenas no espaço econômico, mas também na perspectiva linguística.

Rodrigues (2011) em seu livro “A língua inglesa na África: opressão, negociação e resistência” discute o termo ‘globalização’ de forma diferenciada, trazendo um novo olhar diante desse termo, ao qual muitos ainda conseguem tratar como se fosse algo que favorecesse ou privilegiasse a todos ou simplesmente surgido para a integração do mundo. A autora consegue desmascarar essa ‘fantasia’ e transparece a realidade do termo globalização, vista como uma forma de retomar ao colonialismo, mas dessa vez, na idade moderna, pois a globalização surge para fins comerciais, políticos e econômicos.

No início da década de 1980, surgiu o termo ‘globalização’ em escolas estadunidense, com o olhar direcionado aos mercados nacionais e à prosperidade das diversas nações do planeta. Mas logo essa globalização foi vista de outra maneira, sendo entendida como um processo de exclusão social e política. Uma dominação cultural dos EUA sobre as ex-colônias europeias. Alguns teóricos veem a globalização como uma sequência do expansionismo europeu, ao colonialismo de fins do século XIX, além de estarem com o foco em reorganizar o capitalismo para superar as suas crises sistêmicas.

Dendrinos (2004) e Kumaravadivelu (2006) discutem a globalização como uma ideologia (“sonho do milênio”) que propaga a ideia de um mundo integrado ao mesmo tempo em que esconde o acirramento das diferenças entre regiões pobres e ricas do planeta. Dizer que a globalização é para integrar, unir países, é simplesmente um desejo, pois na realidade não deixa de estar relacionada ao capitalismo, que não rompeu completamente com esse sistema e não assume que essa globalização acaba por separar por classe a sociedade mundial.

Essa globalização visa puramente reestruturar o sistema capitalista do país, assim como afirmar a hegemonia estadunidense sobre o sistema mundial em meados do século XX. Pode-se dizer que isto é a continuidade do colonialismo e do imperialismo. Casanova (2005) e Wodak (2004) veem a globalização como continuidade das políticas colonialistas do século XIX, em que grande parte das mudanças ocorridas nesse período como, por exemplo, cortes nos gastos públicos, privatização e desnacionalização, o crescente desemprego, faz parte de um conjunto de medidas que surgem através da reorganização do poder no plano global e da combinação funcional do poder financeiro, político, militar e cultural, desde fins

da década 70.

Para Casanova (2005), a globalização é uma continuação das políticas colonialistas, porém readaptas aos novos tempos. Neste sentido, pode-se dizer que há uma dependência dos países pobres em relação aos centros de poder e que a globalização pode trazer prejuízos financeiros aos países de terceiro mundo. Há que pensarmos em cinco “níveis” de domínio para se entender a globalização: o tecnológico, o político, o cultural, o econômico e o social. Estes níveis justificam o termo globalização e não mais a ideologia de unificação mundial.

Na mesma discussão, Rodrigues (2011) defende que a língua é vista como elemento de integração, um fator da globalização que prejudica as línguas autóctones. A LI é a língua franca para a circulação financeira<sup>1</sup> e do poder, ou seja, o interesse da LI estar em todos os cantos do mundo é justamente por conta do fator financeiro, do poder político, econômico e cultural.

Para Phillipson (1992, apud RAJAGOPALAN, 2003, p. 66) e Pennycook (1994, 1998, apud RAJAGOPALAN, 2003, p. 66), “o ensino de línguas estrangeiras sempre teve uma dimensão fortemente colonialista”. De um lado, o dominador e de outro, o dominado. Sempre havendo desigualdade de poder entre as partes.

Ao procurar um idioma para aprender, no Brasil, o interessado encontrará sempre cursos de LI, não porque é uma língua melhor, mas por conta da construção de valores ideológicos que a língua recebe na sociedade. A LI já se naturalizou na mente dos brasileiros, pois estudar a língua está sendo muito divulgado, recebendo uma carga enorme de valorização. É um “sonho” para algumas pessoas, uma realização, é ter *status*, privilégios. E isso se remete à forte influência que o Brasil recebe das agências governamentais britânicas e estadunidenses.

O inglês não veio por acaso ao Brasil, mas sim objetivando expandir a cultura do império britânico. Como prova disso, há instituições anglófonas implantadas no país, dentre as quais se pode citar: a Fundação da Sociedade

---

<sup>1</sup> Por isso as maiores cotações econômicas do mundo são feitas em dólares. O dólar é a moeda de calcula para transações internacionais. Muitos países, apesar de ter a sua própria moeda, ainda aceitam o dólar. As bolsas de valores priorizam o dólar.

Brasileira de Cultura Inglesa. Centro da Cultura Inglesa, British Council<sup>2</sup>, Centro Brasileiro Britânico, *The British College of Brazil, Education-USA*, Associação cultural Brasil-Estados Unidos, *Inter-American Foundation, US Brazil Connect*, etc..

A vinda dessas instituições ao Brasil não possui apenas o intuito de ensinar o inglês, mas também de expandir os seus valores ideológicos. Além dessas instituições, há bancos e empresas que se instalaram no território brasileiro, com o intuito de espalhar e divulgar os símbolos culturais. Exemplo: Loja Havan.

Não basta aprender as regras da gramática da LI, mas precisaria também conhecer a cultura que está por trás dessa língua e esses centros binacionais fazem esse papel, tendo como foco principal a língua e uso da linguagem, para assim enraizar a cultura no país. E é claro que, para a criação desses centros no Brasil houve participação do governo estadunidense, pois essa seria a chance de disseminar sua língua. A cumplicidade com relação à ideologia imperialista é nos apresentada pelo Ministério da Educação que é influenciado pelo poder dos ingleses e dos estadunidenses.

Segundo Oliveira (2014), a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e os centros binacionais Brasil-Estados Unidos são peças fundamentais para o projeto de expansão da cultura anglófona. Desse modo, fica evidente que houve, sim, influência britânica ou americana para a criação desses institutos de idioma no Brasil e por conta dessa influência ideológica. Muitos brasileiros vão aos cursos de LI pensando nas oportunidades de emprego, melhores remunerações etc, mas que na verdade, não funciona dessa maneira, pois têm muitas pessoas que dominam a língua e que não conseguem um bom emprego, por sua área de trabalho não exigir o domínio da língua.

Então, é contraditório dizer que os brasileiros precisam aprender a LI por estes motivos, o que na verdade, é uma imposição da língua por conta dos poderes governamentais do Brasil que se aliam juntamente com os britânicos e estadunidenses para produzirem indústrias da língua inglesa, trazendo grandes lucros para as editoras e institutos de idiomas, ou seja, a LI virou um produto

---

<sup>2</sup> É uma organização do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais e cooperação entre o Reino Unido e o Brasil, assim como o ensino da língua inglesa, artes, esportes e educação (BRITISH COUNCIL, 2014).

comercial que gera lucro e consegue inserir suas ideologias no Brasil. De acordo com Canagarajah (2009, p. 134)

As organizações de ensino de língua inglesas dos países centrais, tais como a TESOL e a IATEFL, por exemplo, são consideravelmente influenciadas pelos interesses comerciais das instituições de pesquisa e das editoras, e pelos interesses ideológicos das agências governamentais, mesmo que elas sejam funcionalmente independentes para desenvolver seus próprios programas.

Para Oliveira (2014, p. 65), “a razão principal para o inglês ser a língua mais estudada no Brasil desde a década de 1960 é geopolítica: o imperialismo econômico, político e cultural da Inglaterra e, principalmente dos EUA em relação à América”. Partindo desse pressuposto, percebe-se que o Brasil continua sendo dominado, influenciado, deixando línguas e culturas estrangeiras adentrarem no país e sendo mais valorizado do que a própria cultura e língua brasileira. Podendo olhar para as línguas indígenas brasileiras que estão em vias de extinção e fortalecê-las para que não se acabem.

A LI, na atualidade, acaba por fazer com que haja desigualdade entre pessoas, por conta do *status* de poder que está tendo apoiado pela política linguística. Moita Lopes (2008), disserta sobre o fenômeno da “globalização”, baseando-se em histórias locais, sobre Império e performatividade, objetivando uma ideologia linguística que esteja de acordo com o mundo atual, que faça a relação entre inglês e globalização.

Moita Lopes (2008) traz três narrativas que ajudam a perceber o uso do inglês e sua influência em diferentes contextos. A primeira conta a história de uma matéria de um jornal, sobre cultos religiosos, que eram celebrados em inglês e, apesar de ser em inglês, uma língua que os religiosos não sabiam falar e nem entendiam, tal como eram as missas em latim. Eles participavam normalmente, assim como o culto se tornou bem popular, atraindo novos participantes.

Diante dessa situação é possível perceber como há influência da língua inglesa na sociedade, uma história que se repete desde a colonização, que por meio dos cultos religiosos, os europeus conseguiam dominar os indivíduos, bem como seus territórios. Usavam desses momentos para inserir sua língua nas classes inferiores e dominá-las. Neste caso, Moita Lopes trata “a língua como lugar de conversão”. (MOITA LOPES, 2008, p. 312)

Pennycook e Makoni (2007) bem como Pennycook e Coutand-Marin (2003, p. 310) chamaram “atenção para como o inglês, em muitas partes do mundo, ainda funciona como uma língua missionária, nutrindo-se do interesse que esse idioma desperta globalmente”. Ou seja, a LI é chamativa aos olhos dos não falantes dessa língua, ou seja, as pessoas são atraídas por perceberem que ela é falada mundialmente e por isso há um interesse maior, seja ele pessoal ou profissional.

A segunda narrativa de Moita Lopes (2008) trata sobre um congresso internacional interdisciplinar na Espanha, que só aceitava o uso do inglês nas seções de comunicação. Porém, havia participantes brasileiros, de diversas áreas de conhecimento, mas que não dominavam a língua exigida no congresso. O que diante desse empecilho, os deixaria em desvantagem. Isso demonstra claramente que o inglês é visto como uma língua superior e que pode desvalorizar qualquer pessoa por não saber a língua, incluindo os pesquisadores que estavam no congresso com todo o seu conhecimento, grandeza de seus trabalhos e sentiram a desvalorização e desigualdade na pele por não dominar a língua inglesa. O que Mignolo (2000, p.311) chama de “sociedades silenciadas”. Um congresso internacional exigir uma língua específica para participantes de diversas localidades, é simplesmente reprimi-los do evento e menosprezar os seus respectivos trabalhos e pesquisas. É valorizar o inglês e desvalorizar as demais línguas.

Neste sentido, constata-se que a língua globalizada do conhecimento é o inglês em todo o mundo ou mesmo a crença absurda. Como Moita Lopes (2008) mostra em seu texto, até pesquisas publicadas em inglês são mais bem pagas enquanto em outras línguas o valor é inferior, demonstrando que a LI é destacada em diversas situações e colocada como superior. Privilégio para quem domina o inglês. Pode-se dizer que “a língua é vista como espaço de valoração do que conta como conhecimento e mercadoria” (MOITA LOPES, 2008, p.312).

Na última história, Moita Lopes mostra uma ferramenta que reforça na construção da relação entre inglês e globalização: a tecnologia. Ambas se sustentam e cada vez aumenta seu poder. Essa história se remete ao filme iraniano chamado “Tartarugas podem voar” (2004), de Bahman Ghobadi, onde a comunidade depende de uma pessoa que entende de tecnologia e inglês para saber o que iria acontecer quando a guerra chegasse à sua comunidade. E seria através de uma TV

que eles poderiam obter as informações, vindas pelo monitor, pois as crianças eram surdas, algumas mutiladas, resultado das guerras. Percebe-se que a tecnologia juntamente com o inglês, apesar de trazerem conflitos são importantes e necessários em algumas situações. Neste sentido, a língua é vista “como instrumento para a sobrevivência no mundo contemporâneo” (MOITA LOPES, 2008, p. 312).

A partir dessas histórias é que o autor irá aprofundar e contextualizar para a construção de uma ideologia linguística para tempos híbridos, relacionando o inglês e globalização. Moita Lopes conta que essa temática tem acompanhado ele por toda sua vida profissional, antes mesmo de ser um grande tópico da Linguística Aplicada contemporânea. Para Moita Lopes (2008), essa temática tem grande relevância, no sentido de não sermos alienados ao inglês e aos interesses que a língua representava e representa ainda hoje. Preocupava-se com a forma como o inglês avançava no Brasil, ao qual desempenhava um papel de força imperialista.

A língua é um instrumento imperial, pois ela é usada como um instrumento de conquista para consolidar o poder político, para divulgar a fé católica e para unificar o império. Por outro lado, “a língua inglesa além de ajudar a construir um império, ela por si só já é um império” (MOITA LOPES, 2008).

Graddol (2006) traz uma reflexão sobre a língua inglesa, que antes era vista como forma de separação de classe social, um *status* social, privilégio para quem tinha conhecimento e hoje está sendo adotada em escolas, trazendo mudanças na forma como a língua é ensinada, seguindo o ensino de inglês global. E está sendo aceita tranquilamente, enquanto a língua materna sendo desvalorizada e os falantes nativos sem a devida importância.

Para Block & Cameron (2002, p. 5), “as línguas estão sendo tratadas, cada vez mais, como mercadorias, deslocando ideologias tradicionais nas quais as línguas eram fundamentalmente símbolos de identidade étnica e nacional”.

Nesse sentido, Moita Lopes (2008) vê como uma desterritorialização do poder e se interessa por essa concepção, pois vê que dá um espaço para a criação de outros discursos, uma abertura para que pessoas comecem a liderar suas próprias ações mundo. E o que dá legitimidade ao Império são as indústrias de comunicação, através das corporações transnacionais e linguagem. São as redes e conexões que



alimentam a globalização e fazem o Império ter prestígio e valor. Com essa globalização as pessoas escolhem o que pretendem fazer com o uso da tecnologia e globalização. Trabalham pensando no que podem criar, inovar e que volte com benefício ao Império. Ao contrário do Imperialismo, que tinha um comando e ordenava o que tinha que ser feito, querendo ter o domínio global.

Uma das principais razões pelas quais o inglês é a língua internacional no mundo hoje é o fato de que o Reino Unido foi a superpotência global no séc. XIX e a América é a superpotência global no séc. XX e XXI. Por exemplo, esses dois países de LI eram os países mais importantes em termos de forças armadas e comércio. Conquistando e colonizando grande parte do mundo, seus costumes, cultura e modo de a vida tornou-se comum nessas partes do mundo. É por isso que tanto as ex-colônias britânicas agora tem o inglês como língua nacional, com muitas das pessoas falando inglês como primeiro idioma.

Outra razão adicional para a disseminação do inglês é a economia do mercado. Por serem a superpotência política e militar global, esses dois países também se tornaram líderes, nações comerciais e muitos países e territórios necessitaram aprender inglês a fim de negociar com eles. Os EUA são atualmente um importante parceiro comercial com quase todos os outros países do planeta devido ao tamanho da economia de consumo. Isso explica porque, em muitos países, o inglês é uma disciplina obrigatória em todos os níveis da escola.

## CAPÍTULO II – A LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

### 2.1.A língua inglesa na sociedade brasileira: os estrangeirismos e os empréstimos

Moita Lopes mostra as forças contraditórias em relação ao inglês, já que países se preocupavam com a entrada da língua nos seus territórios, pensando na integridade do estado-nação. O ensino da LM poderia deixar de ser usada e, por conseguinte, haveria destruição da língua local, prevalecendo à LI. E o inglês passaria a ser a língua mais usada, fazendo com que mais pessoas procurassem aprender a língua. Mas Graddol (2006, p. 316) argumenta que a língua inglesa no futuro estaria num “estágio de saturação de interesse, da parte do contingente de pessoas que poderiam adotá-lo como língua global” e que, em um determinado momento haveria um declínio do inglês. No entanto, abriria espaço para outras LE.

Segundo Timbane (2012), as línguas emprestam-se palavras a todo momento. As palavras emprestadas não voltam mais. Por isso “empréstimo linguístico” é um termo usado na linguística para designar a entrada de palavras de outras línguas numa dada língua. Ninguém se lembra que a palavra **gol** provém do inglês e é **objetivo**. Ninguém vai querer gritar: *objetivoooooooooo* quando alguém marca o **gol**. Isso é válido para a palavra **gol**, assim como para **futebol** e para outras pertencentes à nossa língua, a LP.

Entendamos por empréstimo, o processo da passagem do léxico ou expressão de uma língua A para a B, movimento que inclui integração. No empréstimo se inclui alguma adaptação que pode ser fonética, semântica ou gráfica. Já os estrangeirismos, são palavras vindas de outras línguas que se integram sem adaptação gráfica ou fonética, tal como nas palavras *jazz, miss, doping* (TIMBANE, 2012, p.296) ou *brother, delivery, designer, fashion, jeans, link, delete, t-shirt, show, site, self-service, off, car wash, pendrive* (TIMBANE, 2014, p.54). As palavras saem de língua A para a B por duas razões:

**a) por necessidade:** quando não houver uma palavra correspondente na língua de chegada. Por exemplo, *pendrive, rap, hip-hop, tablete, jeans, designe, taxi, overdose*, etc.

**b) por luxo:** quando já existe uma palavra, mas os falantes preferem a palavra estrangeira. Por exemplo: *aids, short, drinque, goal, chip, bike, meeting, bacon*, etc.

As siglas e os acrônimos da língua inglesa formam novas palavras no português. Por isso mesmo ninguém tenta usar a sigla DD (para Disco Duro), todos usam HD (Hard Disk), nem SPG (Sistema de Posição Global) para a sigla GPS (Global Position System), nem VIH (Vírus de Imunodeficiência Humana) para HIV (*Humain Immunodeficiency Virus*) e assim, sucessivamente (TIMBANE, 2014, p.56). As palavras *aids (Acquired Immune Deficiency Syndrome)*, *ipone (Interface Protocol Option Device)*, *radar (Radio Detecting and Ranging)*, *laser (Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation)*, *cd (Compact Disk)* resultam do processo de empréstimo de sigla ou acrônimo que se torna em palavra. Estes exemplos mostram o poder da LI na LP. Há formação de palavras novas a partir da junção da palavra da LI+ LP: é o caso de *disk + nome em LP* que resulta em: *disk bebidas, disk marmitex, disk denúncia, disk taxi, disk lanches*, etc. (TIMBANE & ALVES, 2017, p. 19).

Devido à demanda de pessoas que buscam aprender o inglês, seja para uso pessoal ou profissional, surgiram novas escolas de línguas. Inclusive, disponibilizaram-se cursos presenciais e à distância para facilitar aos interessados, cujo objetivo é de facilitar a entrada dessas pessoas ao mundo globalizado. Outras pessoas viajam para o exterior a fim de realizar cursos intensivos de idiomas e aproveitam para realizar intercâmbios socioculturais e especialização profissional.

A LI vem sendo requisito nas provas de concurso, nas vagas de emprego, o que obriga, muitas vezes, ao cidadão investir mais em LE. Por outro lado, há pessoas que buscam aprender o inglês por conta do valor simbólico que a língua tem, pelo *status* que podem ganhar ao dominar a língua.

É possível analisar a LI como instrumento de comercialização, a partir do qual instituições se favorecem devido à grande procura por cursos de idioma. Usam a língua como estratégia para o seu crescimento, por meio de propagandas que chamam a atenção, utilizam de pessoas famosas para seu comercial e, assim, a população vai sendo influenciada a usar o inglês. Essas instituições reforçam representações de aprendizagem como objeto de desejo de consumo.

Muitos brasileiros estão valorizando mais essa língua, aceitando tranquilamente, enquanto a língua materna está ficando sem a devida importância, como destaca Graddol (2006). Ou seja, deixam de entender e aprender a sua própria língua para focar numa LE que está sendo imposta na sociedade.

Segundo Souza (2011, p. 133, Apud REZENDE & PAULA, 2013),

[...] historicamente, a educação brasileira deixou-se afundar em um estranho e bizarro caso de alienação. A comunicação em línguas estrangeiras, com especial destaque para a língua inglesa, representa um conjunto de habilidades altamente valorizado pela sociedade brasileira [...].

Os anglicismos conseguiram se inserir na sociedade por conta da aceitação das pessoas, muitas delas atribuem valor ao inglês e acabam por reproduzir tais palavras e expressões, o que acaba por fortalecer e aumentar o uso. Por conta do uso rotineiro, alguns anglicismos foram modificados, para se aproximar mais do português, como por exemplo, o futebol.

Há também as siglas e os acrônimos que entraram no português e hoje são usadas como palavras. E talvez as pessoas usem e nem saibam que estas palavras são oriundas de outras línguas, principalmente do inglês. “Fenômenos linguísticos do tipo neologismos, estrangeirismos, empréstimos têm enriquecido a língua portuguesa nos últimos anos”, segundo Timbane (2014, p. 50). Para o autor, é de grande relevância tratar dessas palavras, siglas e expressões, pois passaram a fazer parte do dia a dia da nossa língua, então é importante que as pessoas saibam da origem da palavra que está usando.

Segundo Houaiss (2009, p.1742), as siglas datam de 1836. São definidas como sendo “a letra inicial de uma palavra ou conjunto de letras iniciais de diversas palavras.” Exemplo: DVD, DJ, TV, PF, RG, CPF, etc. Por sua vez, os acrônimos são mais recentes. Para Houaiss (2009, p.42) os acrônimos datam do século XX e se referem à “palavra formada pela inicial ou por mais de uma letra de cada um dos segmentos sucessivos de uma locução ou pela maioria dessas letras”. Exemplo: UNILAB, RAP, PALOP, UNESCO, etc.

Muitas palavras entram no português, mas não conseguem se manter, ficam na boca do povo, mas com um tempo desaparecem, deixam de ser usadas. Outras se firmam, mas com o tempo são ajustadas à língua da comunidade/do local, são aportuguesadas (TIMBANE, 2014; ASSIS, 2007).

Na visão de Phillipson (1992), “o inglês representa uma ameaça às demais línguas e culturas” e, assim como no Brasil, há países que estão adotando políticas linguísticas para evitar e punir o uso do inglês, os chamados estrangeirismos. A Lei contra os estrangeirismos, proposto pelo Deputado Aldo Rebelo (PL, 1676/1999), revela essa preocupação. Schimitz (2004) é de opinião que os estrangeirismos não estragam a LP. O projeto de Lei, por si só não se pode controlar os estrangeirismos porque o mundo globalizado está forte. É o inglês que comanda as economias e as tecnologias. Querendo ou não precisamos dos estrangeirismos para atender as necessidades tecnológicas da atualidade.

O estrangeirismo, segundo Timbane (2012, p. 8), é uma “palavra de uma língua **A** que passa a ser usada na língua **B** que pode ou não conservar as características da língua de origem, quer dizer, é o emprego de unidades lexicais provenientes de outra (s) língua (s)”.

Garcez e Zilles (2002) trazem uma discussão acerca dos estrangeirismos, defendendo que os estrangeirismos não ameaçam a LP. Para Garcez e Zilles (2002) os políticos querem manter no poder a língua imposta por eles, a língua idealizada, associada ao exercício do poder, não levando em consideração a variação linguística existente no próprio português. Para esses grupos políticos, o interesse é que a comunidade esteja utilizando a língua de forma legítima, “correta”, de acordo com a gramática idealizada. Evitando assim o uso de palavras e termos de outras línguas. Justificando que estão “defendendo a língua contra impurezas e invasão”. Mas na realidade não passa de grupos políticos partidários que fazem parte da classe dominante nacional e querem manter-se no controle de suas doutrinas. Ignorando a “língua do povo” e esquecendo-se de debater sobre a enorme diversidade linguística brasileira, que isto sim, é necessário e de grande relevância para a sociedade brasileira, para acabar com o pensamento de que a língua é única.

E sobre os empréstimos, os autores apresentam palavras que vieram de outras línguas e culturas, e que hoje estão no português como se fossem da própria

língua, como por exemplo, garçom, sutiã, o esporte e o clube, que se incorporaram naturalmente à LP. Ou seja, mostra que não há uma língua pura e que sempre vai ter palavras que são oriundas de outras, integradas à língua. A frequência do uso do estrangeirismo é dinâmica. As palavras podem aparecer e desaparecer ao longo do tempo.

Quando os empréstimos são acolhidos pela língua, muitos falantes nem conseguem perceber, principalmente os falantes mais novos da língua, que já aprendem como parte da língua que fala. Por conta disso, muitas pessoas não reconhecem os empréstimos, pois acham que as palavras são originárias do próprio português, por exemplo. No entanto, no português, existem muitas palavras vindas de outras línguas e que hoje estão bem familiarizadas com a sociedade. E o inglês é a grande fonte contemporânea de empréstimos ao Português e às demais línguas, como afirmam (GARCEZ & ZILLES, 2002).

Neste sentido, pode-se perceber a língua como objeto de desejo e também como instrumento de poder, dominação e alienação. Quem a utiliza consegue ter privilégios, valorização por falar a língua. O inglês é uma língua que consegue adentrar com facilidade na sociedade e atrair os falantes para seu uso e se mantém presente no convívio social. Vejamos a seguir como a LI foi concebida no ensino médio brasileiro.

## **2.2 Leis de base sobre a língua inglesa: ensino médio**

Na década de 1990, no Brasil, houve uma grande discussão acerca da publicação dos Parâmetros Curriculares para o ensino fundamental das escolas, os quais deram prioridade à LI, optando por esta língua fazer parte do currículo. Essa discussão envolvia, por um lado, argumentos de que os alunos necessitavam de habilidades na leitura, por outro de que não era necessária leitura e sim era preciso que os alunos tivessem habilidades na oralidade, pois a população tinha mais contato com a oralidade, como por exemplo, nas músicas, do que em textos escritos. (cf. DOURADO & OBERMARK, 2008; LEFFA, 2008).

Além do ensino nas escolas, muitas palavras inglesas já são muito utilizadas pelos brasileiros, mesmo quem não sabe falar o idioma já consegue utilizar no seu dia a dia. Por exemplo: *hambúrguer, shopping, black friday, hacker, 50% off, test*

*drive, marketing, fast food, doping*, entre outros. As pessoas já conseguem entender o significado de palavras sem ter estudado o inglês, apenas por ver e ouvir diariamente e isto faz com que a palavra permaneça ativa e siga adentrando cada vez mais no vocabulário brasileiro. Essas palavras oriundas de outros países e inseridas no Brasil são chamadas de anglicismos, que, de acordo com Timbane e Alves (2017), são termos ou expressões que entram na LP comprovadamente provenientes do inglês com objetivo de enriquecer a língua, sendo um fenômeno dinâmico que varia com o tempo. A cada dia, essas palavras ficam mais presentes e impossíveis de não serem utilizadas pela sociedade, estão praticamente em todos os lugares, havendo a necessidade do seu uso.

A LDB n. 9.394/96 inclui obrigatoriamente uma LE no currículo do ensino fundamental e médio, além de outra LE, de caráter opcional, no nível médio. O quadro 1 mostra como o ensino médio foi estruturado para lidar com a LI.

**Quadro 2:** Concepções da legislação brasileira acerca da educação linguística - Ensino Médio

<b>Legislação</b>	Como inclui a LE	Como concebe a educação em LE?	Como concebe a linguagem?
LDB	Uma LE obrigatória e uma segunda como optativa	Não dá diretrizes específicas.	Vinculada à sua função social e às práticas culturais e identitárias do cidadão de toda etnia.
PCNEM	Espelha diretrizes da LDB e define a LE como “veículo de comunicação”.	Entende que a educação em LE: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Deve ser instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais;</li> <li>• Tem por meta a formação pessoal, acadêmica ou profissional;</li> <li>• Está indissolúvelmente inserida no bojo do desenvolvimento das competências linguísticas da área de linguagens,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Articuladora de sentidos da experiência social comum, do conhecimento e da interação social através de sistemas arbitrários e convencionados de representação;</li> <li>• Constituída nos usos sociais via interação de suas diversas dimensões.</li> </ul>

		<p>códigos e suas tecnologias e por isso, não se deve dar isoladamente;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Precisa contemplar a competência comunicativa no sentido amplo do conceito, que envolve competências abrangentes e não estáticas, inclusive a metalinguística, a sociolinguística, a discursiva e a estratégica.</li> </ul>	
PCN+	<p>Reitera os documentos acima e ressalta o caráter pragmático da inclusão da LE no currículo escolar com vistas aos múltiplos usos socioculturais das linguagens no mundo globalizado atual.</p>	<p>Reitera os documentos dos PCNEM, sobretudo no que tange à adequação aos vários letramentos exigidos na contemporaneidade, e:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Enfatiza a função comunicativa da LE, o desenvolvimento de competências e a sua transferibilidade multissituacional;</li> <li>• Destaca o caráter central da LE em um currículo interdisciplinar, por ela servir de suporte à articulação entre às grandes áreas;</li> <li>• Prioriza o desenvolvimento da habilidade de leitura;</li> <li>• Reforça a estruturação dos PCNEM em torno dos eixos 'representação e comunicação', 'investigação e compreensão' 'contextualização sociocultural' e seus respectivos conceitos, competências e</li> </ul>	<p>Reitera as concepções dos documentos anteriores inclusive a da linguagem como constituída de múltiplos sistemas simbólicos de representação e comunicação.</p>



		habilidades; <ul style="list-style-type: none"> <li>• Prescreve que a avaliação seja processual e formativa.</li> </ul>	
Orientações Curriculares para o Ensino Médio	Confere um caráter nitidamente plurilíngue à legislação ao apresentar diretrizes específicas para o ensino de espanhol LE.	Defende a adequação das teorias apresentadas às especificidades de cada idioma e: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhece que há um conflito entre a idealização do papel formativo da educação linguística como descrita nos documentos oficiais e a realidade do ensino na rede pública;</li> <li>• Salienta a necessidade da educação em LE ser inclusiva do sujeito letrando em diversos níveis de sua existência.</li> </ul>	Idem. Dentre tais sistemas, destaca a língua como sistema semiótico social e historicamente construído pelo homem.

**Fonte:** Oliveira (2014, p. 89-90).

As escolas do Brasil já aderiram ao inglês, porém com um ensino básico, que não está de acordo com as exigências do mundo, da atualidade. Os alunos recebem um conhecimento básico, precisando buscar aprimoramento fora do espaço escolar. O quadro 2 ilustra essa situação. Os planos do Ministério da Educação aprovaram um programa de ensino para “o inglês ver”. Dá para perceber porque há pouco investimento em materiais didáticos que facilitem o ensino.

Segundo Oliveira (2014, p. 80), o problema do ensino de LE em escolas públicas não é o professor, nem a sua formação e muito menos a incompetência da escola, mas está nas leis que regem o ensino e as medidas públicas voltadas para o funcionamento do sistema público de educação. Para o autor, as publicações do MEC, se caracterizam como uma *política do fingimento*. Ou seja, há uma ideologia que consta nos escritos oficiais do Ministério, mas que na realidade não se aplica em nenhuma escola de ensino de LE. Por isso, não se pode colocar culpa nos professores ou escolas, mas refletir onde está o problema e quem é o culpado por

essa deficiência no âmbito escolar e buscar melhorar o ensino. Segundo o autor, têm-se uma incoerência entre as leis relativas à educação e a realidade do ensino de LE em escolas públicas.

Já para Oliveira e Paiva (2014), o que se pode ver nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio (PCNs) é o preconceito sofrido pelas escolas públicas. Para ela, é lamentável um documento oficial querer justificar e impor o ensino de língua apenas através da leitura e mais ainda querer justificar dizendo que o professor não domina a língua que ensina, o que poderia estar dando suporte para que esses profissionais pudessem trabalhar e ensinar com qualidade, propondo políticas de qualificação e não desqualificando o ensino como mostra na citação abaixo.

Brasil, (1998, p. 21)

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classe superlotas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim, o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes (BRASIL, 1998, p. 21).

Neste caso, há um descaso do poder público com as escolas e com o próprio ensino de LE. Os PCNs orientam que a LE, como parte dissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais, permite ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propicia sua integração num mundo globalizado. Aqui um desejo real do aluno, mas a realidade é que o ensino não chega dessa forma, com esse objetivo na sala de aula. As aulas são básicas e muito do que se ensina nem chega a se aproximar desse desejo que consta no PCN. Os projetos pedagógicos reais são ultrapassados.

Oliveira (2014) segue afirmando que não adianta criar leis e regulamentações e não fazê-las cumprir. É fácil colocar no papel o que se tem como ideologia, inserir no âmbito escolar, mas depois “cruzam-se os braços e faz-se de conta” (OLIVEIRA, 2014, p. 85) que tudo sairá conforme consta nos documentos oficiais. Outro ponto que ele sinaliza como falho, é que para além de ignorar a lei que eles [poder público] mesmo criam, ainda omitem as especificidades da LE, causando divergências

quanto ao ensino. Uma vez que não se direciona o ensino, ele ficará incompleto e comprometido quanto ao uso da língua, seja na oralidade como na escrita.

O autor fala ainda que o sistema educacional deve oferecer ao aluno “um leque mais amplo de oportunidades de aprendizagem [...] e busque a formação que deseja” (OLIVEIRA, 2014, p. 88). O ensino deve abarcar as necessidades do alunado e não impor regras de aprendizado, pois precisam de um ensino que atendam as exigências do mundo extraescolar.

Leffa (2003) comenta que o domínio de uma língua estrangeira não é uma competência que possa ser disfarçada. Para ele, a LE leva tempo até que se consiga dominar. Por isso, as aulas que acontecem nas escolas não são suficientes para o domínio pleno da língua. Mesmo estudando durante anos na escola pública o aluno ainda sai sem conhecer a LI. O autor vai mostrando o “causador” do fracasso do ensino de LE nas escolas brasileiras. Inicia falando do Governo Federal, que é de onde partem as leis maiores que direcionam o ensino da LE para as instâncias menores, estaduais e municipais. Ou seja, ordenam como será o ensino de línguas na escola e quais seus objetivos.

Não há preocupação com a qualidade do ensino ou se os alunos estão realmente aprendendo a língua ensinada, mas o foco recai na inclusão dessa língua nas escolas. Apesar de a responsabilidade ser do Governo, tais leis não dão condições para a aprendizagem, há falta de material para o aluno, o professor sem formação, sem curso de aperfeiçoamento. E isto é responsabilidade do governo, mas para eles o que importa é que a LE esteja inserida nas escolas, não importa se está atendendo a necessidade do aluno ou do próprio mundo globalizado. O governo cria as leis, mas não cobra para que se cumpram as exigências contidas nelas.

O professor também tem participação para o fracasso do ensino de línguas, muito deles não possui um conhecimento geral para que se possam ensinar esses alunos e ensina o básico, o conhecimento que receberam, muitas vezes, dentro da academia. O que não é suficiente para esse aluno, que pretende sair da vida escolar para o mercado de trabalho ou que pensa em conhecer outros lugares, no exterior. Leffa (2001, p. 21 apud PAPIN, 2011) diz que não é preciso apenas “oferecer escola para todos, construindo prédios, mas ter professores qualificados para a sala de

aula”. Para mostrar esse déficit de professores, LEFFA (2001, apud PAPIN, 2011) traz o resultado de uma prova que a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo fez em dezembro de 2008, onde 3.000 professores tiraram zero e 1.500 deles já lecionavam. Isto prova como os professores de língua estrangeira não tem o conhecimento sobre a própria língua que ensinam. O autor traz esses dados para mostrar a preocupação que se tem com a educação. Pois se há um motivo para o ensino de língua estrangeira estar dentro das escolas, é preciso que haja ferramentas para que este seja dado de forma eficiente e com qualidade e não apenas dar porque tem que seguir o que consta nas leis e PCNs.

Para o autor “o saber não pode apenas espalhar-se pela superfície como um perfume sobre a pele; precisa penetrar no organismo para provocar mudanças” (LEFFA, 2001, p. 22, apud PAPIN, 2011). O aluno também não deixa de ser motivo do fracasso no ensino. Para explicar isso, Papin (2011) traz conceitos que diferenciam aluno de estudante, a palavra aluno enfatiza a ideia de receber instrução de alguém, sugerindo certa passividade (aluno é aquele que é ensinado), ao passo que estudante enfatiza a atividade que a pessoa exerce (estudante é aquele que estuda).

Partindo desse pressuposto, o aluno deve entender que além de ser aluno deve ser estudante, passando a estudar e não ficar apenas como receptor de informação, desprendendo-se do professor, partindo para a busca do conhecimento, sendo capaz de ir além do que é ensinado na sala de aula. Mas nas escolas é possível ver alunos de todos os tipos, uns que vão porque, muitas vezes, são obrigados pelos pais, outros por interesse no diploma, outros para perturbar o professor, etc. Estes são quase certos que terão dificuldade ao sair do ambiente escolar. É evidente que o aluno, o professor e o sistema educacional/governo têm culpa quanto à decadência do ensino de língua estrangeira nas escolas, principalmente o governo que “não acusa e nem reclama, apenas prega a inclusão” Leffa (2001, p. 24 apud PAPIN, 2011).

## CAPÍTULO III: A LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA DA ELITE, DE PRESTÍGIO

### 3.1 A língua inglesa como instrumento do Imperialismo

A expansão da LI nas últimas décadas é mais acelerada devido a expansão industrial de eletrodomésticos e informáticos para além de ser declaradamente a língua oficial de 62 países e LE mais falada no mundo: para cada falante nativo há dois falantes não-nativos que a usam para sua comunicação. O inglês é provavelmente a única LE que possui mais falantes não nativos do que nativos (LEFFA, 2001, apud PAPIN, 2011).

O “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” define por imperialismo o “sistema de governo que preconiza uma monarquia chefiada por imperador ou imperatriz; governo ou autoridade imperial; forma de política ou prática exercida por um Estado que visa à própria expansão, por meio de aquisição territorial ou pela submissão econômica, política e cultural de outros Estados” (HOUAISS & VILLAR, 2009, p.1053). Todas as redefinições do imperialismo de hoje parecem dirigir-se à construção de um império liderado pelos EUA, seus associados e subordinados, em que é mais provável uma guerra entre as potências nucleares do que uma revolução social, ou do que uma mudança de rota em direção à socialização, democratização e independência real das nações, cidadãos e povos (CASANOVA, 2005, p.74).

Para Oliveira (2014), o imperialismo é um processo histórico atrelado aos aspectos econômicos das grandes potências mundiais, das quais se cita a Inglaterra e os EUA. Pode-se dizer que há um interesse econômico e de poder para que o inglês adentre em outros países e não apenas por conta de ser a língua universal. Segundo Oliveira (2014, p.61)

[...] o imperialismo britânico no século XIX e começo do século XX e imperialismo estadunidense no século XX foram determinantes para a expansão do uso da língua inglesa, que, a vigor, começou a assumir o status de língua franca no Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, consolidando-se como tal com a intensificação da globalização no final do século passado.

Entende-se como imperialismo a expansão ou tendência para a expansão do poder político e econômico de uma nação ou Estado sobre o outro. A LI é um

instrumento de um novo imperialismo que age sobre culturas locais, procurando globalizar e criar uma aldeia global, onde os hábitos e a cultura são semelhantes. Sendo assim, a pressão ameaça ou extingue as práticas culturais próprias dos povos, possibilitando a perda de identidades.

Nesta pesquisa, chamamos por “imperialismo” do séc. XXI, o domínio econômico, político e cultural de um país para com o outro. Por exemplo, os EUA procuram influenciar ou dominar política e economicamente o resto do mundo. A manifestação pode ser por meio de palavras, de ideias, de medidas, de mecanismos, de ataques e até de excluir o outro para poder ser o único dono de uma realidade. A seguir, vejamos alguns traços que ilustram a hegemonia anglófona no espaço mundial. Esses traços foram identificados por Crystal (2005) em sua obra “A revolução da linguagem”.

(i) Na **política**: A LI é língua oficial de cerca de 54 países e língua das principais organizações políticas do mundo como Organização Mundial da Saúde, Organização das Nações Unidas, União Africana, União Europeia, entre outras. A política anglófona, em especial a americana, influencia de certa forma os destinos da política mundial.

(ii) Na **economia**: “Desde o início do séc. XIX, a Grã-Bretanha havia se tornado a principal nação industrial e comercial do mundo” (CRYSTAL, 2005, p.25). Essa hegemonia econômica continua no sec. XXI impulsionada pelos EUA, China, Japão, Austrália, Canadá e outras nações que têm o inglês como LM, L2 ou LE. A LI é língua oficial das principais organizações econômicas do mundo: Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM), BRICS, G20, G7, Rede de Desenvolvimento da Juventude, etc.

(iii) Na **Imprensa (mídia)**: As grandes empresas de TV (BBC, FOX, ESPN, Discovery Channel), de Rádio (Voz de América, KCRW, WFMU, WWOZ), de jornais (The Guardian, The New York Times, The Asahi Shimbun, Sydney Morning Herald, China Daily, Washington Post) pertencem à anglofonia. As grandes editoras mundiais de livros (impressos e eletrônicos), revistas e outros materiais de informação se localizam no espaço anglófono.

(iv) Na **propaganda/ comunicação**: Os meios de comunicação se tornaram mais rápidos e eficientes: email, chat, whatsapp, publicidade em todos dispositivos:

computador, telefone, tablet, smartphone, entre outras formas. A LI será a mais privilegiada em caso de comunicação com o mundo.

(v) No **cinema/ música**: Os melhores filmes da história cinematográfica são anglófonos. Os grandes estúdios de produção cinematográfica estão no espaço anglófono. A músicas mais ouvidas, os artistas musicais mais renomados estão no espaço anglófono. Pessoas se sentirão atraídas pelas músicas produzidas na anglofonia.

(vi) No **Turismo**: Pessoas viajam pelo mundo e sempre procuram a LI para o turismo, para eventos, é língua de controle espacial (aeronáutica e marinha).

(vii) Na **educação**: A LI é a mais ensinada no mundo, sendo oficial na anglofonia (que inclui as antigas colônias) e L2 ou LE para os restantes. Quase que nenhum país do mundo deixou de adotar a LI para alguma função. É língua de diversos cursos, da investigação científica e língua de ensino nas universidades.

(viii) Nas **tecnologias**: As tecnologias são os maiores e rápidos meios de expansão da LI. Há milhões de cursos online (gratuitos e pagos) do ensino da LI. É pelas tecnologias que somos forçados a ler em inglês para entender as instruções diversas de manutenção ou uso de máquinas, motores, materiais, produtos eletrônicos e outras conquistas do desenvolvimento tecnológico.

Na atualidade, a língua já é vista “como meio de exercício de poder e dominação”, como afirma Moraes (2005, p. 117). Antes se pensava na língua(gem) como uso para a comunicação na sociedade, sem muito pensar no que ela poderia exercer, inclusive como sendo ponte para a dominação e também exclusão. A sociedade segue um padrão linguístico que se alguém não segue é consideravelmente excluído, inferiorizado, porque se exige que as pessoas sigam esse padrão, idealizado por aqueles que estão no poder e obrigam que as pessoas sigam e que aprendam a gramática imposta por eles como modelo correto. Desconsiderando o conhecimento prévio de cada pessoa, as variações linguísticas existentes e, principalmente, não levando em conta que a língua é um organismo vivo, que segue em transformação e que não pode ser entendida como estável.

Se pensarmos na chegada dos Portugueses ao Brasil, já se pode perceber que a língua já não era simplesmente para uso de comunicação, pois naquela época

através da catequização já se iniciava a “dominação cultural sobre os índios”. De acordo com Moraes (2005, p. 117) e Nunes (1996, p.24):

Para instruir o índio, o missionário utiliza discursivamente os conhecimentos dele... ele interfere na memória discursiva daquele, provocando aproximações, reestruturações, apagamentos, identificações. À medida em que fala das crenças, das canções, dos mitos dos índios, ele marca os pontos de encontro que possibilitam as ligações discursivas, por onde se instala o discurso europeu.

Os ensinamentos catequéticos já tinham interesses e objetivos definidos e a língua foi um meio para começar a dominar e iniciar o processo de colonização. E seguiu quando os outros países chegavam para também ocupar as terras. A língua dos colonizadores começou a predominar na sociedade e seguiu influenciando as demais, fazendo com que as línguas dos índios fossem sendo apagada, deixando de usá-las para usar a língua do dominador.

Moita Lopes (2008) faz duas leituras sobre a globalização. Primeiro, sobre o Imperialismo. O autor relata os períodos históricos, desde as conquistas coloniais, passando pela chamada Guerra Fria, na qual os EUA saem vitoriosos, passando a ter o poder pelo mundo. São os movimentos de conquista. Este seria o caminho do processo da globalização. Ou seja, teria alguém no poder e este seria o dominador e governava tudo. Criando instituições para construção de uma economia global. E com a criação da tecnologia da informação, conseguiam fazer o dinheiro se movimentar de um lado para outro, no mundo inteiro, através de uma tecla. Porém, pode-se dizer que esta globalização não é um bem para todos, pois alguns têm acesso a essa facilidade e comodidade, outros não.

Assim funciona até hoje, tem-se uma língua idealizada, que o indivíduo é “obrigado” a usar, deixando de usar a sua língua, a LM, que teve primeiro contato, que é a língua de casa, que aprendeu com os familiares, para seguir a língua do outro. E é na escola que o indivíduo vai descobrir que terá que usar outra língua, a língua oficial, pois a língua que aprendeu em casa não é suficiente diante de uma sociedade exigente e que segue os padrões vigentes. Neste caso, vê-se a mesma situação dos índios no período colonial, mas no caso atual, ao invés de termos catequizadores, têm-se professores, que ensinam a “língua correta”, a língua que deve ser seguida e usada por todos.



O ensino segue a gramática normativa. Uma falha é que parte desses professores só ensinam a norma-padrão e esquecem de mostrar a variação do português falado por pessoas de diferentes contextos. O que acaba por inferiorizar aquelas pessoas que não tem acesso à escola ou que não dominam essa língua padrão. Por isso, é necessário que haja um ensino desde os anos iniciais, na alfabetização, que conscientize as pessoas de que não há uma maneira correta e única de se comunicar, mas que há uma língua que varia de acordo com várias situações, como contexto social, região, idade, dentre outros. Evitando também que uma língua seja vista como superior a outra.

Diante disso, é possível dizer que uma pessoa que não esteja dentro dos padrões terá dificuldade de adentrar em contextos diferentes do seu, terá dificuldade de se comunicar, pois poderá sentir-se inferior em relação aos que têm um bom domínio da língua e isto faz com que se pense que exista uma língua melhor do que a outra. Entretanto, o que existe é falha no ensino, pois não se esclarece que há diversas línguas, variedades linguísticas, que na oralidade o importante é que se faça entender o que está sendo falado, independente do contexto ao qual está inserido, não precisando necessariamente falar da mesma forma que se escreve. Ou seja, há variantes que precisam ser esclarecidas para que o indivíduo comece a entender melhor a língua que se faz presente no seu cotidiano. Moraes (2005, p.118) afirma que:

uma fonte importante de variedade linguística, e que deve ser explorada, é a literatura. Ela permite um contato direto com as diferentes formas de linguagem e maneiras de se expressar [...] auxiliando, assim, o falante a ter uma visão mais crítica a respeito do uso da língua e da própria sociedade em que vive.

O autor citado apresenta opções para que o indivíduo busque entender as variedades linguísticas e exercite a linguagem, sem que seja necessária a presença de um professor, como é o caso de ler textos literários, jornalísticos, atas, dentre outros tipos de gênero textual, pois é interessante que o indivíduo tenha acesso e conhecimento desses textos para que se assegure dos formatos e da forma que é escrita, para que o possibilite a atuar de forma consciente na sociedade, sem que haja diferença entre os indivíduos/falantes.

Para Timbane e Rezende (2017), o ensino de LE também tem a diferenciação entre falantes que possuem ou não o domínio da língua. A LI ligada à globalização fez com que muitos indivíduos buscassem aprender a língua, principalmente por conta dos avanços tecnológicos e científicos e hoje é imprescindível ter uma L2. Assim como a língua padrão está sendo exigida na sociedade, o inglês também segue no mesmo ritmo e quem não possui fica sem destaque. E quem tiver domínio da LI e da língua padrão se sobrepõem mais ainda aos demais. A questão do poder e da dominação da língua seguem cada vez mais fortes na sociedade, pois quem não seguir as exigências sempre vai ficar abaixo, não será bem visto e poderá perder oportunidades seja profissional ou pessoal.

### **3.2. Perspectivas do inglês nas próximas décadas**

As tendências atuais das línguas, no mundo moderno, em especial as línguas africanas e indígenas brasileiras são incertas. É incerta porque as políticas linguísticas tendem a valorizar as línguas europeias em prejuízo das locais. No Brasil, havia mais de 1500 línguas e agora restaram cerca de 180 línguas (RODRIGUES, 2010). No mundo, há muitas línguas em perigo, muitas delas estão em vias de extinção ou extintas devido a políticas linguísticas falhas que não incentivam, nem encorajam a expansão das mesmas.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (UNESCO, 1996) define por comunidade linguística “toda a sociedade humana que, radicada historicamente num determinado espaço territorial, reconhecido ou não, se identifica como povo e desenvolveu uma língua comum como meio de comunicação natural e de coesão cultural entre os seus membros”. Essas comunidades tendem a desaparecer visto que as suas línguas autóctones são proibidas nas escolas, na justiça e na função pública. Vejamos o cenário de Moçambique para compreendermos melhor as tendências das línguas faladas naquele espaço:

**Quadro 3:** Decrescimento das línguas bantu moçambicanas

Língua materna	% de falantes em 1980	% de falantes em 1997	% de falantes em 2007
Bantu	98,8	93,5	89,3
Português	1,2	6,5	10,7

Fonte: INE, apud (TIMBANE, 2013, p.36)

Como se pode observar no Quadro 3, de 1980, ano do primeiro recenseamento, ao ano 2007, o número de falantes de línguas bantu como língua materna decresceu significativamente. Esse cenário é apenas exemplar, para ilustrar o que acontece no resto do continente e no mundo em geral. As políticas linguísticas que valorizam apenas as línguas dos colonizadores prejudicam fortemente as línguas autóctones. A África do Sul fornece um exemplo ímpar no mundo inteiro ao ter oficializado 11 línguas das quais apenas o inglês é de origem europeia.

Tanto a LI quanto as outras diversas línguas oficiais continuarão sendo instrumentos de exclusão social. O português oprime, por exemplo, quando um simples cidadão e analfabeto é privado dos seus direitos devido ao fraco domínio da norma-padrão (TIMBANE; REZENDE, 2017). O inglês oprime muito mais que o português. Significa que quem não domina o inglês fica impedido de estabelecer parcerias e negociação políticas e econômicas com outros anglófonos.

O inglês crescerá cada vez mais (CRYSTAL, 2005), uma vez que as tecnologias lidam com esta língua. Se o inglês é língua da ciência e da tecnologia certamente continuará crescendo e expandindo horizontes. Em todos os países lusófonos, o português é língua oficial, mas o Estado obriga que o inglês seja ensinado nas escolas em paralelo com a língua oficial. O inglês continuará hegemônico e língua do poder econômico mundial, uma vez que os seus falantes se encontram privilegiados. Crystal (2005, p.36) defende que o inglês vai se reconfigurar rapidamente porque “quando uma língua se espalha, ela muda.”

Os produtos industrializados em países anglófonos sempre difundirão as suas marcas e língua, o que de certo modo é uma imposição linguística. Veja-se, mesmo no Brasil, o qual é um país lusófono, que os produtos industrializados carregam a LI nos rótulos e manuais de uso. O estudo de Timbane e Coelho (2018) demonstra

essa tendência com vários exemplos. Essa atitude de alienação linguística impulsiona a venda de produtos, mas ao mesmo tempo valoriza a língua do outro.

Muitas línguas de povos dominados econômica e politicamente terão muitos estrangeirismos e empréstimos lexicais nas suas línguas - fenômeno que resultará da descoberta de novos fenômenos tecnológicos dos próximos séculos. Por outro lado, a internet impulsionará cada vez mais a expansão do inglês possibilitando que a língua seja conhecida por muitas pessoas em redor do mundo. Segundo Shepherd e Saliés (2013), a internet influenciará a **e-gramática**, a **e-educação**, assim como aumentará o número de letramento.

O artigo 8 da Carta da Unesco (1996) determina que “todas as comunidades linguísticas têm o direito de organizar e gerir os seus próprios recursos, com vista a assegurar o uso da sua língua em todas as funções sociais.” Enquanto o imperialismo continuar, jamais as nações pobres poderão usufruir das suas línguas locais. Os povos pobres continuarão se apoiando no inglês para conseguir sobreviver num mundo economicamente dependente do conhecimento do inglês.

O artigo 17 (UNESCO, 1996) determina que “todas as comunidades linguísticas têm direito a dispor e a obter na sua língua toda a documentação oficial, qualquer que seja o suporte (papel, informático, ou outro), nas relações respeitantes ao território de que essa língua é própria.” Algumas línguas indígenas brasileiras já são oficiais. Severo (2015) cita que o baniwa, tukano, nhenguetu são oficiais em São Gabriel da Cachoeira (AM). Precisamos de mais exemplos semelhantes para que as línguas indígenas brasileiras cresçam e que sejam preservadas. Essa ação deveria ocorrer na mesma intensidade como se expande o inglês e o português que são línguas oficiais do Brasil.

Organizações da anglofonia como a União Europeia e *Commonwealth* continuarão fomentando a língua inglesa no mundo e aumentarão o número de Estados-membros. Muitos países lusófonos em África fazem parte da *Commonwealth* por interesses econômicos, por isso mesmo que se afirma que a LI passou a ser imperialista.

A seguir apresentaremos os caminhos metodológicos percorridos na busca e na análise de dados da pesquisa.

## **CAPÍTULO IV – METODOLOGIA E ANÁLISES**

Qualquer trabalho de caráter científico precisa ter objetivo e metodologias bem definidos. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.126), o método científico “é o conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação.” Sendo assim, o método hipotético-dedutivo formula hipóteses para expressar as dificuldades do problema, de onde se deduz consequências que deverão ser testadas ou falseadas (PRODANOV & FREITAS, 2013). É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa.

### **4.1 Caminhos metodológicos**

A pesquisa será qualitativa. Sendo qualitativa, buscará interpretar fatos ou dados colhidos por meio de um questionário com perguntas abertas. Segundo Cervo, Bervian e Da Silva (2007), as análises qualitativas não envolvem números, mas sim qualidades atribuídas aos dados. O instrumento de coleta é o questionário.

Segundo Marconi & Lakatos (2007, p. 203), questionário “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Podem ser feitas de várias maneiras, de acordo com os objetivos da pesquisa. Após realizada, tem-se as informações para a análise que mostrará o contexto do objeto de estudo.

A pesquisa enveredou por dois caminhos. O primeiro é a pesquisa bibliográfica e, o segundo, a pesquisa de campo. A seguir, vamos apresentar a teorização dos conceitos para depois demonstrar como isso aconteceu na prática. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008, 2010), realiza-se por meio da seleção, da leitura e do debate resultante da leitura e organização (fichamento) de livros, artigos, teses, dissertações, relatórios e outros materiais publicados. Neste tipo de pesquisa, “o pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos” (SEVERINO, 2007, p.122).

Este tipo de pesquisa pode lidar com questões teóricas ou mesmo práticas. A pesquisa bibliográfica sempre está presente em qualquer pesquisa, porque sempre é necessário observar o estado da situação do objeto a estudar. Ninguém estuda um assunto partindo do vazio. Sempre existe uma base que precisa ser observada. A

pesquisa bibliográfica é complexa. Possui fases bem precisas e cabe ao pesquisador prestar atenção para evitar problemas de inconsistência. As mais importantes fases da pesquisa bibliográfica são: a identificação do material, a localização em biblioteca ou em sites disponíveis, a compilação, leitura e fichamento. Do fichamento se realizam as análises e interpretação dos assuntos a serem pesquisados (MARCONI & LAKATOS, 2003, p.44).

Contrariamente à pesquisa bibliográfica, em uma pesquisa documental, “tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais” (SEVERINO, 2007, p.122-123). Esta pesquisa lida com documentos: leis, decretos, memorandos, acordos, constituição, regulamentos, despachos, avisos, comunicados e outros materiais gerais publicados ou não.

Tanto no que se refere aos materiais bibliográficos quanto aos de campo, é preciso ter cuidado com a ética em pesquisa. Na maioria deles, é preciso citar a referência segundo as normas da ABNT por forma a que não possa ser acusado de plágio. Alguns documentos precisam da autorização dos autores e, para outros, basta indicar a fonte. O respeito às normas de citação e de apresentação de trabalhos científicos protege o pesquisador para que não seja processado ou ocorrer a anulação do seu trabalho.

Depois da seleção, leitura e estruturação do material bibliográfico, o pesquisador precisa desenvolver debates colocando-se sempre numa posição em relação ao que é dito. Não basta citar. As citações devem estar ligadas e comentadas pelo pesquisador. As citações (diretas, indiretas e citações de citações) apoiam o pesquisador e não o contrário. Quer dizer, o pesquisador coloca o seu ponto de vista e busca apoio de outros autores para defender ou contrariar uma ideia discutida. A pesquisa bibliográfica leva muito tempo porque resulta da leitura e fichamento paulatino realizado ao longo da participação nas diversas disciplinas cursadas incluindo as leituras dadas pelo professor orientador (SEVERINO, 2007).

A presente pesquisa se baseou na análise documental de diversos materiais sobre o ensino do inglês no Brasil, assim como a aplicação de um questionário para quatro (4) informantes brasileiros que já estudaram esta língua fora do Brasil. Para a

fundamentação, foram lidas diversas obras sobre a questão da LI e a presença dos estrangeirismos e empréstimos no nosso português. A pesquisa procurou descrever o motivo pelo qual os estudantes pesquisados decidiram estudar no exterior, fazendo a relação entre as variáveis propostas nesse objeto de estudo.

Para a pesquisa foram selecionados aleatoriamente quatro estudantes de inglês, sendo dois da *San Diego University for Integrative Studies* – SDUIS e dois da *Connect English*, ambas instituições de San Diego, nos Estados Unidos. Os dados pessoais dos informantes foram ocultados nesta pesquisa devido à ética em pesquisa. A ética em pesquisa sensibiliza o uso de dados sem a citação dos nomes e das identidades dos informantes. Os dados foram codificados e organizados de tal forma a que possam ser interpretados e citados na pesquisa.

Os critérios estabelecidos para a seleção dos participantes da pesquisa foram: a) ser brasileiro, b) ser estudante de LI nos EUA. Antes de frequentar o curso de inglês nos EUA, os participantes já tinham noções da LI no Brasil, mas que o conhecimento era insuficiente, daí optaram por fazer o curso no exterior.

A coleta de dados foi realizada a partir de um questionário com 11 perguntas abertas enviadas por e-mail. Foram concedidas duas semanas para que os estudantes respondessem as 11 perguntas (em apêndice 1). Todos os informantes devolveram os questionários na data prevista. Após recolher as respostas, fez-se a impressão para que os dados fossem analisados.

#### **4.2 Análise e discussão dos dados**

Os dados apontam que os informantes já haviam tido contato com a LI, na infância, nas escolas, na faculdade. Mas sentiram a necessidade de buscar aperfeiçoamento em LI no exterior. Esse aperfeiçoamento tinha como objetivo buscar mais conhecimentos que visam conquistar mais oportunidades no mercado de trabalho, pois suas áreas profissionais exigem que tenham domínio na LI.

Percebe-se que há uma valorização não só da LI, mas também da cidade ou do país onde se pretende estudar, no caso dos informantes em questão foi nos EUA. Na visão dos informantes, para aprender melhor e com qualidade o inglês, seria necessário estudar no exterior, com os falantes do inglês como LM e como língua predominante. Acreditam que o ensino no Brasil não consegue atender as

necessidades básicas e profundas exigidas pelas suas profissões, uma vez que o inglês é fundamental no mundo globalizado.

O português possui variedades. Por isso mesmo se fala de português brasileiro, português angolano, português moçambicano e por aí em diante. Assim, o inglês também o é. É uma língua natural composta por variedades que se localizam geograficamente dispersas pelo mundo. Por isso há o inglês americano, o inglês britânico, o inglês australiano, dentre outros. Os informantes não perceberam a questão da variação desejando apenas falar. O que efetivamente gostaria de saber era apenas a LI e não uma variedade dessa língua. Portanto, não é importante aprender uma língua tendo em conta a variedade. O importante para os informantes era obter conhecimentos que lhes permitam comunicar na sua área profissional. Para os informantes, aprender a gramática poderia fornecer um conjunto de conhecimentos fundamentais para a comunicação na LI.

Não veem a LI como uma imposição, pois segundo os informantes, procurar aprender a LI depende da pessoa, pois é opcional. Cada um opta por estudar ou não a língua. Apesar das respostas dos entrevistados, por não concordarem com a imposição, já se enquadram no número de pessoas que buscam aprender o inglês para não perder as oportunidades de mercado ou almejam cargos mais altos no seu trabalho, só em dizer que estão indo para aperfeiçoar a língua objetivando melhores chances profissionais, já estão sendo induzidos a ter o domínio da LI, ou seja, caso não a possui, não terão chances de alcançar “voos mais altos” no mercado profissional.

Há um poder econômico, político e social atrelado a esse ensino.

Os pesquisados conseguiram perceber que os EUA são uma grande potência mundial e, através da LI, conseguem unir política e economicamente vários países, podendo se fazer transações comerciais, negociações com o mundo todo usando a língua do poder econômico, que é o inglês. Pode-se dizer que a língua aparece como instrumento comercial, com interesses econômicos, e que a sua propagação nas diversas partes do mundo, para além do interesse em disseminar a língua, tem também o interesse em querer dominar determinados países com o objetivo de ter acesso às economias disponibilizadas por meio de negociações, nas quais a língua oficial é o inglês.



Com isso, a globalização faz parte dessa expansão do inglês, pois é através dela que a língua vai adentrando nos diversos contextos, ganhando espaço e tornando-se essencial e necessária para atuar nesse mundo globalizado e com inovações tecnológicas. É notável que a LI seja algo que se busca por interesse, pelos privilégios que a língua proporciona aos seus falantes. O indivíduo não busca aperfeiçoamento para a LP, que é sua LM e oficial, não busca entender o que se tem por trás dessa língua, como as variedades linguísticas.

O interesse dos informantes pela LI não é o mesmo quando se trata do português ensinado nas escolas e universidades. Com isso, significa que a valorização da LI é muito forte na ideologia e no pensamento dos informantes, de tal forma que esta última é a salvação para o sucesso profissional. Os pesquisados dizem dar valor à língua materna, mas que a língua inglesa está sendo exigida e é necessário que eles busquem por ela. Por questão profissional e também por quererem se comunicar com pessoas de outros países, entendem que a LI é muito útil nos dias atuais.

Os informantes não concordam que a LI seja a língua do colonizador, pois é natural que se tenha esse contato entre as potências mundiais, além de ser uma forma de levar conhecimento e informação às comunidades distantes. Com relação a este ponto, a colonização a que os informantes se referiram foi a colonização europeia ocorridas nos séc. XVIII. A colonização moderna tem outro viés, pois visa à globalização e à exploração de ideias. O inglês, nesta perspectiva, se torna um elemento colonizador porque traz uma nova forma de pensar e dialogar com o mundo. A nossa sociedade vê na LI como um ponto de apoio e suporte para o sucesso profissional.

Os dados mostram que os informantes desejavam estudar inglês para responder os anseios profissionais. Estudar LI no Canadá não é o mesmo que estudar nos EUA ou Inglaterra. Essa concepção resulta do poder dessas duas potências econômicas mundiais. Os informantes entendem que estudar inglês no Brasil não ajuda para quem deseja estabelecer relações comerciais e tecnológicas com o mundo. Essa ideia reforça a hegemonia da língua inglesa no mundo.

## CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A LI ganhou maior visibilidade no mundo devido à expansão econômica e política das principais potências mundiais: os EUA e a Inglaterra. Com esta ideia, o inglês se expandiu pelo mundo a fora conquistando novos espaços. No que diz respeito ao domínio econômico, a LI domina incentivando a aprendizagem que permite o diálogo econômico com o mundo.

Da pesquisa, observa-se que o imperialismo na LI se verifica por meio do domínio das principais potências econômicas que utilizam o inglês como língua de comunicação e das tecnologias da informação. Os dados da pesquisa mostram que estudar no país de origem da língua é importante porque acumula uma gama de conhecimentos socioculturais que estão impregnadas na língua. Conhecer a gramática não basta para dominar a língua. É necessário conhecer as formas semânticas e pragmáticas do uso dessa língua.

Os dados da pesquisa mostram que o conhecimento da LI ajuda na conquista profissional dos melhores espaços e cargos de direção. Sendo a língua um instrumento de trabalho é necessário que o conhecimento da LI seja específico à área profissional em que o indivíduo está integrado.

A LI tem o maior domínio na nossa sociedade e influencia outras línguas faladas no mundo, por exemplo, na LP observa-se a entrada quase permanente de várias palavras vindas da LI. Esse fenômeno ocorre devido à influência imperialista da LI. Por exemplo, as palavras *shopping*, *pendrive*, *scanear*, *printar* e outras estão enraizadas na LP devido a esse interesse da integração linguística. A presença de palavras inglesas na LP demonstra a capacidade influenciadora da LI no mundo moderno, o que significa que o mundo globalizado depende da LI para desenvolver todas as atividades econômicas e políticas.

Os dados da pesquisa revelam-nos que a tendência da LI é de expandir-se cada vez mais, à medida que os EUA interferem na vida política e econômica do mundo. A tendência da LI é de fazer com que todos a utilizem como a única língua, tal como o gráfico 1 demonstra. A LI tende a ganhar o maior número de falantes, usuários impulsionados pelas oportunidades profissionais, econômicas, políticas e culturais. A música Norte-Americana tem maior impacto na juventude moderna.

Sendo que as letras das músicas são escritas em LI e isso motiva os jovens a aprenderem inglês para cantá-las e expressar a sua cultura.

O imperialismo linguístico segue no mesmo ritmo do imperialismo econômico e político. Esta afirmação defende que sempre que a economia de um país for forte, a língua influenciará todos os membros e parceiros desse mesmo país. Por exemplo, a China é um dos países com uma economia emergente nos últimos anos. Muitos cidadãos preferem aprender o mandarim para estabelecer relações comerciais com a China. Esta atitude ocorre também nos países anglófonos mais influentes, como é o caso da Inglaterra, dos EUA, da Austrália.

Pelo exposto, vimos que os objetivos propostos foram alcançados. Percebeu-se que a LI é uma forma imperialista, que segue dominando países através da língua. A política linguística também é motivo para que a LI chegue ao contexto brasileiro, onde o governo também tem participação para essa relação Brasil e exterior, a começar pela imposição do ensino do inglês nas escolas.

Todas as hipóteses foram confirmadas, as pessoas precisam acompanhar as evoluções do mundo, inclusive a LI que está sendo a língua mais falada e exigida no mundo. É preciso que tenham o conhecimento da língua para ter o crescimento profissional, como também oportunidade de ingressar no mercado de trabalho, hoje há a necessidade que o indivíduo tenha esse conhecimento da língua, caso contrário ficará fora do mercado de trabalho, perderá oportunidades de crescimento profissional, além de não poder comunicar-se com pessoas de outros países ou até mesmo viajar para o exterior.

Concluiu-se que a LI quer ganhar espaço nos diversos países do mundo e assim disseminar sua cultura, como também expandir-se política e economicamente. E, no Brasil, a língua aparece como imposição para a sociedade brasileira, a iniciar pela inclusão no currículo escolar. Se o Brasil pretende ensinar a LI ou LE deve fazê-lo de forma competente e com qualidade. Viera e Moura (2002) levantam esta questão perguntando: “a língua estrangeira é um direito ou privilégio?” Se for direito, o Estado brasileiro deve apostar numa educação de qualidade que permita que o aluno aprenda de verdade.

Terminamos deixando em aberto para que pesquisas do gênero sejam desenvolvidas para que se compreenda como o Brasil pode melhorar a sua relação

com o imperialismo. Seria importante que o Governo estabelecesse políticas educacionais que incentivem uma educação de qualidade. Os professores estão limitados devido a políticas educacionais que não apoiam em materiais didáticos. Hoje se fala em educação fundamental e médio à distância e não se sabe se essas políticas ajudarão na finalidade do ensino da LI. De fato, a LI é uma língua global, uma língua que se dissemina e ocupa espaço em quase todos os países do mundo. O importante é saber como lidar com essa realidade procurando sempre preservar e proteger as línguas autóctones para que elas não desapareçam com o tempo.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **Alfa**. v. 40, São Paulo: UNESP, p.11-16, 1996.
- ASSIS, Ana Beatriz Gonçalves de. **Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do inglês por falantes de Português Brasileiro**. 2007, 267f. (Dissertação). Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2007.
- BLOCK, David & CAMERON, Deborah. **Globalization and Language Teaching**. London: Routledge, 2002.
- BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Brasília: IBGE, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Projeto de Lei 1676/1999**. Brasília: Senado Federal, 1999. Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa e dá outras providências.
- BRITISH COUNCIL. **Learning english in Brazil**. São Paulo: British Council, 2014.
- CALVET, Louis Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.
- CANAGARAJAH, Athelstan Suresh. Identidades subversivas, zonas pedagógicas de segurança e aprendizagem crítica. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 81, p. 113-134, ago/dez. 2009.
- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.
- CASANOVA, Pablo González. O imperialismo, hoje. **Tempo**, Rio de Janeiro, nº 18, p. 65-75, 2005.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson, 2007.
- CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Trad. Ricardo Quintana. Rio de

janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2.ed. Cambridge: CUP, 2003.

CRYSTAL, David. **Language and the internet**. Cambridge: CUP, 2004.

DENDRINOS, B. ideologias conflitantes em discursos de resistência a hegemonia do inglês. in: SILVA, Fábio Lopes; RAJAGOPALAN, Kavanill.(Org.). **A linguística que nos faz falhar: investigação crítica**. São Paulo: Parábola, 2004. p.53.57.

DOURADO, Maura R.; OBERMAR, Glória M. Uma reflexão sobre Parâmetros Curriculares Nacionais de línguas estrangeiras e transposição didática. in: LEFFA, Wilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 2.ed. Pelotas: Educat, 2008, p.411-418.

FERNANDES, Tomara Grisolia. Língua e poder: a língua como instrumento ou estratégia política nos países de língua portuguesa. **Revista Geo-Paisagem**. Ano 9, nº17, s.p. jan.-jun. 2010.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria. Estrangeirismos: desejos e ameaças. in: FARACO, Carlos Alberto. (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2002. p.15-36.

GHOBADI, Bahman. **Tartarugas podem voar**. 1h38min. 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENEZ, Telma et al. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **RBLA**. Belo Horizonte, v.15. n.3, p.593-619, 2015.

GRADDOL, D. **English next**. London: British Council, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Houaiss, 2009.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas**. Brasília: IBGE. 2015. Disponível em: <[https://atlascolar.ibge.gov.br/images/atlas/mapas\\_mundo/mundo\\_populacao\\_total.pdf](https://atlascolar.ibge.gov.br/images/atlas/mapas_mundo/mundo_populacao_total.pdf)>. Acesso em 11 out.2018.

KUMARAVADIVELU, B, A linguística aplicada na era da globalização. in: MOITA LOPES, Luiz Paulo.(Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo:

Parábola, 2006.p.129-148.

LEFFA, Vilson J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 2.ed. Pelotas: Educat, 2008, p. 353-376.

LEFFA, Vilson J. O ensino do inglês no futuro: da dicotomia para a convergência. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti (Org.). **Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 2003. p. 225-250.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2007.

MIGNOLO, Walter. **Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. **DELTA**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 309-340, 2008.

MONTAUT, Annie. O inglês na Índia e o lugar da elite no projeto nacional. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles (Org.). **Inglês com língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. São Paulo: Pontes, 2011, p. 65-93.

MORAES, Jean Ricardo Webber de. A relação entre língua(gem) e poder. **Ideias: revista do curso de Letras**. v.22, p.117-119, jul./dez.2005.

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lucia Meneses. Ilusão, aquisição ou participação. in: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. São Paulo: Parábola, 2014, p.33-46.

OLIVEIRA, Roberval Araújo de. A matrix da LE no Brasil: a legislação e a política do fingimento. in: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. São Paulo: Parábola, 2014. p. 79-92.

- OSMAN, Tamer. Why has english the language for all the written materials at the international level? **Global Journal of human-social Science**.v.7, n.6, p.12-26, 2017.
- PAPIN, Dephine. O inglês e as minorias étnicas no Reino Unido. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles (Org.). **Inglês com língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. São Paulo: Pontes, 2011, p. 116-126.
- PENNYCOOK, Alastair; COUTAND-MARIN, Sophie. Teaching english as a missionary language. **Discourse: studies in the cultural politics of education**, v.24, n.3, p.337-353, 2003.
- PENNYCOOK, Alastair; MAKONI, Sinfree. **Disinventing and reconstituting languages**. New York: Multilingual Matters Ltd. 2007. p.1-43.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia de trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística Crítica.:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: 2003.
- REZENDE, Sabrina Mesquita de; PAULA, Luciane Guimarães. Alienação e pressão durante a aprendizagem da língua inglesa. **Emblema**, v.10, n. 1, 39-50, Jan-Jul. 2013.
- RODRIGUES, Ângela Lamas. **A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência**. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 2011.
- RODRIGUES, Ayron D. Tupi, tupinamba, línguas gerais e o português no Brasil. In: NOLI, Volker; DIETRICH, Wolf. (Org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 27-47.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHIMITZ, John Robert. legislação contra estrangeirismos no português brasileiro. in: SILVA, Fábio Lopes.; RAJAGOPALAN, Kanavillil.(Org.). **A linguística que nos faz falhar: investigação crítica**. São Paulo: Parábola, 2004. p.101-106.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SEVERO, Cristine G. Política(s) linguística(s) e questões de poder. **Alfa**, São Paulo,



v.57, n.2, p.451-473, 2013.

SHEPHERD, Tania G.; SALIES, Tânia G. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique falado em Moçambique. **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas-SP, v.54, n.2, jul./dez. 2012.

TIMBANE, Alexandre António. A formação de palavras a partir de siglas e acrônimos estrangeiros na língua portuguesa. **Verbum: Cadernos de pós-graduação**, n. 6, p. 50-68, 2014.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. Tese. 314f. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade Ciências e de Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2013.

TIMBANE, Alexandre António. A relevância do ensino de línguas estrangeiras na formação de policiais em Moçambique. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v.14, n. 1, p. 119-139, jan./abr. 2018.

TIMBANE, Alexandre António; ALVES, Maria José. A dinâmica do português brasileiro na imprensa escrita: o caso de empréstimos e estrangeirismos lexicais. **Revista a Cor das Letras**. Feira de Santana, v.18, n.2, p.8-25, mai./ago. 2017.

TIMBANE, Alexandre António; COELHO, Dayanny Marins. A expansão lexical em produtos alimentícios industrializados no português brasileiro. **Confluências: Revista do Instituto da Língua Portuguesa**. nº 54, Rio de Janeiro, p.222-243. 1.º semestre de 2018.

TIMBANE, Alexandre António; REZENDE, Meire Cristina Mendonça. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. **Travessias**. v.10, n.3, p.389- 408. 2017.

UNESCO. **Declaração Universal de Direitos Linguísticos**. Barcelona: UNESCO, 1996.

VIEIRA, Josalba. Ramalho.; MOURA, Heronildes Maurilio de Melo. Língua estrangeira: direito ou privilégio? SILVA, Fabio Lopes; MOURA, Heronilde Maurilio de Melo. (Org.). **Direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Insular, 2002. p.113-124.

WODAK, R. políticas linguísticas europeias: tensões devidas à globalização e ao nacionalismo. in: SILVA, F.L.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). **A linguística que nos faz falhar**: investigação crítica. São Paulo: Parábola, 2004. p.145-152.

## Apêndice 1: Perguntas do questionário

1. O que levou você a fazer intercâmbio?
2. Qual a importância do inglês na sua vida pessoal e profissional?
3. Qual foi o momento que a Língua Inglesa começou a fazer parte da sua vida?
4. Você acha que conseguirá falar o inglês “corretamente”?
5. O que você entende por falar “corretamente” o inglês?
6. Qual a língua inglesa está aprendendo?
7. Você vê o aprendizado da língua como uma imposição? Se sim, porquê?
8. O que você entende por “Língua Inglesa como instrumento do Imperialismo Norte Americano. E como forma de Performatividade”?
9. A Língua Inglesa é a língua da globalização? Porquê?
10. Você valoriza mais a sua Língua Materna ou a Língua Inglesa? Justifique.
11. Você concorda que a Língua Inglesa é a língua do colonizador? Justifique.